



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

VANESSA EUSANDRA DA SILVA FELIPE GOMES

**NA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA FESTA DO PADROEIRO SÃO JOSÉ EM GADO
BRAVO-PB: PATRIMÔNIO E REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL
(1977/2013)**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

VANESSA EUSANDRA DA SILVA FELIPE GOMES

**NA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA FESTA DO PADROEIRO SÃO JOSÉ EM GADO
BRAVO-PB: PATRIMÔNIO E REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL
(1977/2013)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduada.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G633h Gomes, Vanessa Eusandra da Silva Felipe
Na história e memória da festa do padroeiro São José em
Gado Bravo - PB [manuscrito] : patrimônio e representação da
história local (1997/2013) / Vanessa Eusandra da Silva Felipe
Gomes. - 2014.
68 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo,
Departamento de História".

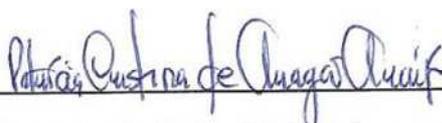
1. Festa Popular 2. Festa de Padroeiro 3. Memória Popular
4. Patrimônio Cultural I. Título.

21. ed. CDD 306.48

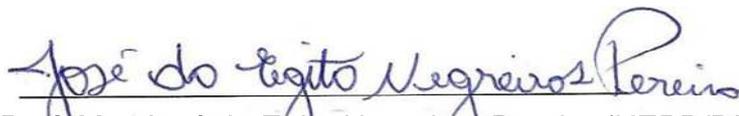
VANESSA EUSANDRA DA SILVA FELIPE GOMES

**NA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA FESTA DO PADROEIRO SÃO JOSÉ EM GADO
BRAVO – PB: PATROMÔNIO E REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL
(1977/2013)**

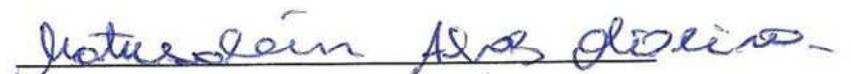
Aprovada em: 30/04/2014



Prof^a. Dr^a Patrícia Cristina de Aragão Araújo (UEPB/DH)
Orientadora



Prof. Me. José do Egito Negreiros Pereira (UEPB/DH)
Examinador



Prof. Me. Matusalém Alves de Oliveira (UEPB/DH)
Examinador

Dedico esse trabalho ao meu esposo (José do Carmo) pela paciência e incentivo, a minha mãe (Rosineide) que sempre esteve me apoiando, ao meu avô (José Felipe) que sempre me deu forças a continuar, a minha avó Josefa Maria (in memoriam) e aos demais familiares e amigos que sempre me deram incentivo a nunca desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças para que eu nunca desistisse diante das dificuldades.

A minha orientadora a professora Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo, pela orientação, o incentivo, pelas correções, pelo tempo dedicado a orientação deste trabalho.

Aos professores Me. Matusalém Alves de Oliveira e Me. José do Egito Negreiros Pereira por fazerem a leitura do meu trabalho e estarem presente em minha banca.

Ao meu esposo e minha família, pela paciência e pelo apoio.

A todas as pessoas que auxiliaram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.

A todas as pessoas que contribuíram para a minha formação acadêmica, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O presente trabalho analisa a festa de São José no município de Gado Bravo-PB, no período de 1977 a 2013. Ao problematizar as festividades do padroeiro da cidade, compreendemos como eram as práticas culturais e religiosas em Gado Bravo e a importância da festa de São José para a memória e história local, haja vista fazerem parte do patrimônio cultural local. Nessa perspectiva, salientamos a importância da Nova História para a escrita da história, uma vez que oportunizou novas fontes para a pesquisa histórica. No referencial teórico, utilizamos principalmente os seguintes conceitos e respectivos autores: o conceito de cultura, em Cucho (2009) e Geertz (2008); o que são práticas culturais, em Certeau (2008); representações, em Chartier (1991); conceito de memória, em Le Goff (1990), Polak (1992) e Bosi (1994); patrimônio, em Choay (2006) e Castro (2008); e o conceito de festa, em Bueno (2008) e Leonel (2010). Como abordagem metodológica, nos ancoramos na história oral, por meio de entrevistas com as pessoas da cidade que participaram ou organizaram a festa. Além disso, usamos imagens fotográficas, cartazes e panfletos para auxiliar nas informações prestadas. Este trabalho contribui para a memória, patrimônio e história local porque discute e preserva aspectos da história da festa e da cidade de Gado Bravo que precisam ser ressignificados por meio da pesquisa histórica, mostrando que é possível trabalhar com o festejo enquanto patrimônio imaterial da cidade, pois, além de representá-la, recupera sua memória para a história local.

Palavras-chave: Festa. Memória. Patrimônio. História local.

Abstract

This paper analyzes the feast of São José in the municipality of Gado Bravo - PB, in the period from 1977 to 2013. As we problematize the festivities of the patron saint of the city we understood how were the cultural and religious practices in Gado Bravo and the importance of the feast of São José for the memory and local history, considering being part of the cultural heritage of the city. In this perspective, we stress the importance of the New History for the writing of history, as it provided an opportunity new sources for historical research. In the theoretical reference, we primarily use the following concepts and respective authors: the concept of culture in Cuche (2009) and Geertz (2008); what are cultural practices, in Certeau (2008); representations, in Chartier (1991); the concept of memory, in Le Goff (1990), Polak (1992) and Bosi (1994); equity, in Choay (2006) and Castro (2008); and the concept of feast, in Bueno (2008) and Leonel (2010). As a methodological approach, we anchored in the oral history, through interviews with the townspeople who participated or organized the party. Furthermore, we use photographic images, posters and pamphlets to assist in the information provided. This work contributes to memory, heritage and local history because it discusses and preserves the aspects of the history of the feast and of the city of Gado Bravo that need to be resignified through historical research, showing that it is possible to work with the festivities while immaterial heritage of the city because, besides representing it, recovers its memory to the local history.

Keywords: Feast. Memory. Heritage. Local History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- foto aérea de Gado Bravo.....	38
Figura 2 – imagem da igreja após reforma em 1949.....	45
Figura 3 – panfleto da festa do ano de 1991(nove noites de celebração).....	49
Figura 4 – panfleto do ano de 2007.....	50
Figura 5 – panfleto com a programação da festa de São José do ano de 2013.....	50
Figura 6 – a procissão saindo da igreja.....	52
Figura 7 – o andor de São José sendo levado em procissão.....	53
Figura 8 – o momento em que a imagem é entregue para ser colocada no altar.....	54
Figura 9 – a imagem sendo colocada no altar.....	55
Figura 10 –a parte religiosa e profana da festa localizava-se em torno da igreja- atualmente Praça São José e cemitério (a direita) e cruzeiro (a esquerda).....	57
Figura 11 – imagem da rua principal (Rua José Mariano Barbosa) onde é realizada a festa social.....	58
Figura 12 – encerramento da festa de São José – programação social (Rua principal da cidade).....	58

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DA FESTA DE SÃO JOSÉ: REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA LOCAL.....	14
2.1. A História Cultural e suas contribuições ao campo da pesquisa sobre memória E história local.....	14
2.2. Memória e Patrimônio na História local.....	23
3. AS FESTIVIDADES DO PADROEIRO EM GADO BRAVO.....	38
3.1. As práticas culturais em Gado Bravo: breve histórico.....	38
3.2. Antecedentes históricos da festa do padroeiro.....	41
3.3. A festa: organização, musicalidade, celebrações.....	48
4. CONCLUSÃO.....	60
REFERÊNCIAS.....	62
APÊNDICES.....	65

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa a festa do padroeiro de Gado Bravo-PB como uma prática cultural que faz parte da memória e do patrimônio imaterial da cidade. Falar dessa festa é falar da história do povo de Gado Bravo, tanto numa perspectiva religiosa como numa perspectiva da cultura popular local, porque ela faz parte da cultura dessa cidade, tendo em vista que, desde seu surgimento até os dias atuais, ela ocupa um espaço muito importante na vida das pessoas daquela localidade.

O interesse em trabalhar com a festa de Gado Bravo nasceu a partir de duas perspectivas: na primeira, porque a pesquisadora é natural do município e sempre via, em sua infância e adolescência, as comemorações sobre a festa do padroeiro, percebendo, na juventude, que a comemoração era importantíssima para a construção da história do município. Nesse sentido, a festa passou a ser vista, sob sua ótica, como uma prática cultural que faz parte da memória e do patrimônio do local, o que fez nascer a proposta deste estudo. Na segunda perspectiva, de cunho acadêmico, acreditamos que esta pesquisa venha contribuir para o curso de história e para a linha de pesquisa “Narrativa, Memória e Imagem”, porque além de trabalharmos com a memória das pessoas que fizeram ou fazem parte dessa festividade, obtivemos, por meio das narrativas, a percepção que elas têm dessa festa, a forma como ela ocorreu e vem ocorrendo e, por meio das imagens fotográficas, enfatizamos a nossa discussão, contribuindo não só com os estudos sobre história local, mas com os estudos sobre memória e patrimônio, mostrando como o patrimônio imaterial que a festa representa traz grandes contribuições para entender a história do município, a história do povo de Gado Bravo e a própria memória social local.

Nessa perspectiva, elaboramos, como questões orientadoras desta pesquisa, os seguintes questionamentos: Como eram as práticas culturais e religiosas em Gado Bravo, representadas nas festividades do padroeiro? Qual a importância das festas religiosas em Gado Bravo para a memória e história local?

Para responder esses questionamentos, formulamos o seguinte objetivo geral: problematizar as festividades religiosas do padroeiro de Gado Bravo como práticas culturais que fazem parte do patrimônio cultural e da memória e história local. E, como objetivos específicos: a) discutir sobre o conceito de memória e

patrimônio no contexto da história cultural como categorias importantes da história local; b) refletir sobre a história local na perspectiva das práticas culturais e sobre a festa religiosa como patrimônio cultural imaterial importante para o estudo da memória local; c) identificar como era a festividade do padroeiro em Gado Bravo, os atos religiosos, as danças, as músicas, as vestimentas, a organização religiosa e cultural; d) discutir sobre memória e patrimônio, a partir da história de Gado Bravo, focalizando as festividades do padroeiro; e) mostrar como era a organização das festividades do padroeiro e como são até hoje, a partir das narrativas das pessoas.

Utilizamos, como fontes para nossa pesquisa, imagens fotográficas da festa no período posterior a 1970, tendo em vista que, do período anterior ao recorte temporal escolhido para o estudo, que vai de 1977 a 2013, não conseguimos grandes informações. O recorte temporal escolhido se deu devido ao fato de que as pessoas que participaram ou fizeram parte da organização da festa estão inseridas nesse contexto. O outro motivo se deve ao fato de ter sido o período em que obtivemos mais informações sobre a festa.

Este estudo é relevante porque ele ressignifica a memória e o patrimônio local a partir da festa, que, segundo Bueno (2008), existe em diversas modalidades, mas:

A Festa - esses eternos rituais que acompanham o homem em momentos suspensos, extraídos da linearidade do tempo cotidiano - tem muitas modalidades, mas seja qual for a sua forma de expressão, os momentos de lazer proporcionados por elas, têm sempre um caráter participativo e a forma de convivialidade que ela cria, reforça e nutre os laços sociais. O tempo vivido na Festa é um tempo extraído do cotidiano porque cria um envolvimento que permite um distanciamento das preocupações, especialmente aquelas decorrentes do trabalho e/ou medo subjacente de perdê-lo. (BUENO, 2008, p.52)

Nesse sentido, as festas são importantes no estabelecimento das relações em sociedade, para a manutenção dos vínculos existentes a partir dela e principalmente para mostrar as continuidades e rupturas existentes a partir das suas práticas. Leonel (2010) afirma que:

As festas constituem um campo fecundo para se pensar a sociedade nas suas continuidades como, também, em seus movimentos de transição, de vaivém, marcados por rupturas. A análise do fenômeno social festivo nos permite o trânsito por territórios da vida coletiva no seu nível mais elementar, ou seja, nas estruturas de formação dos próprios vínculos sociais, pois permite que a sociedade entre em uma relação consigo própria, diferente daquela ordinária,

desempenhada em sua rotina. Ao romper com a rotina, a festa mostra-se capaz de, paradoxalmente, produzir o próprio cotidiano e o inédito como atos de produção do próprio vínculo social, num processo dialético de caos e ordem, produtor da própria vida em sociedade. (LEONEL, 2010, p.41)

A pesquisa da festa por meio da história oral nos permite perceber a importância dela enquanto prática cultural e nos permite visualizar qual é a representação dessa festa para os gadobravenses.

A nossa pesquisa, situada no campo da História Cultural, trabalha, na perspectiva desse campo historiográfico, as festas como patrimônio e como memória da história local de Gado Bravo. Para isso, utilizamos o conceito de festa a partir dos estudos de Leonel (2010) e Bueno (2008); discutimos sobre memória a partir dos estudos de Le Goff (1990), Santos (2007), Polak (1989) e Bosi (1994); estudamos sobre patrimônio, a partir dos estudos de Choay (2006), Tomaz (2010) e Cavalcanti e Fonseca (2008) para refletir sobre a festa do padroeiro na cidade de Gado Bravo.

A metodologia utilizada neste trabalho partiu da abordagem da história oral, veiculada a uma pesquisa documental em que utilizamos como fontes as entrevistas realizadas com pessoas que participaram ou que fizeram parte da organização da festa. Nessas entrevistas, usamos um gravador para captar as narrativas dos depoentes que nos concederam as informações. E para complementar nossa leitura sobre a festa, trabalhamos com imagens fotográficas, panfletos e cartazes.

A escolha pela história oral se verifica porque através das narrativas orais podemos compreender, na fala das pessoas, o que essa festa representou para elas. Delgado (2010) afirma que:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. (DELGADO, 2010, p.15)

A metodologia da história oral pode trazer muitos benefícios para uma determinada pesquisa, porque, através dela, fatos que não estão documentados podem, a partir de uma entrevista, tornarem-se fontes documentais para as futuras gerações. Ela também pode recuperar memórias de grupos, de localidades, são inúmeras possibilidades de trabalhos que podem ser feitos a partir da história oral. Segundo Alberti (2010):

A história oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido às formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade. Nesse sentido ela está afirmada com as novas tendências de pesquisa nas ciências humanas, que reconhecem as múltiplas influências a que estão submetidos os diferentes grupos do mundo globalizado. (ALBERTI, 2010, p.164)

As entrevistas em história oral podem ser temáticas ou história de vida. No caso da festa de São José, em Gado Bravo, ela se enquadra como entrevista temática, na perspectiva apresentada por Alberti (2010), que define dois tipos de entrevistas:

As entrevistas temáticas são as que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. (ALBERTI, 2010, p.179)

Portanto, a memória também é uma aliada da história oral porque só através dela o entrevistado vai narrar como os fatos ocorreram, fatos que fazem parte da memória individual ou coletiva. Delgado (2010) afirma que “a memória atualiza o tempo passado, tornando-o tempo vivo e pleno de significados no presente.” (DELGADO, 2010, p.38). Mas é importante que o entrevistador, ao escrever seu texto, seja fiel à fala do depoente, para, dessa forma, dar maior credibilidade ao seu texto.

A história oral é importante para a pesquisa histórica porque faz com que os testemunhos tornem-se documentos, no sentido de que através dos relatos orais, é possível guardar registros de um tempo vivido, a partir das lembranças veiculadas no ato de fala. Em relação a isso, Delgado (2010) afirma que:

A metodologia da história oral integra-se ao conjunto de esforços do sujeito produtor de conhecimentos para registrar, via relatos de experiências, as versões de diferentes personagens históricos sobre suas vidas e sobre sua integração no processo constitutivo da História. Ao se gravar um depoimento de história de vida ou mesmo uma entrevista temática, o pesquisador está, de forma deliberada, inscrevendo-se no processo de registro do passado e de produção de documentos sobre ele. Ao registrar no tempo presente as memórias sobre o tempo que passou o historiador e os demais profissionais vinculados a pesquisas que utilizam a metodologia da história oral fazem dos testemunhos recolhidos fontes de imortalidade - documentos/monumentos, sob a forma de vozes e de textos, que ficarão arquivados como registros vivos da multiplicidade de experiências que constituem a vida humana na sua essência. (DELGADO, 2010, p.62)

A história oral foi imprescindível para este estudo, visto que foi através dos relatos orais que obtivemos as informações para este trabalho. As pessoas que participaram da pesquisa são moradores da cidade de Gado Bravo e foram eles: Lourival Barbosa Cabral, com idade de 81 anos, agricultor; José Felipe Irmão, com idade de 78 anos, agricultor e Severina Barbosa de Aguiar, com idade de 72 anos, professora.

Nosso trabalho está organizado em três partes: uma introdução e dois capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Memórias e Histórias da festa de São José: Reflexões sobre a história local*, discutimos sobre a importância da Nova História Cultural e sua contribuição para a história. Nele, abordamos o conceito de cultura, destacando sua importância para entender as práticas culturais em Gado Bravo e as representações que podem ser criadas a partir destas. Além disso, discutimos a importância da memória para a preservação do patrimônio e para a história local. No segundo capítulo, cujo título é *As festividades do padroeiro em Gado Bravo*, abordamos a importância dos estudos da história local, destacando alguns aspectos históricos da cidade de Gado Bravo. Nele, discutimos os antecedentes da festa de São José e as mudanças e permanências ocorridas no período de 1977 a 2013.

2. MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DA FESTA DE SÃO JOSÉ: REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA LOCAL

Neste capítulo, fazemos uma discussão da importância da Nova História Cultural para a escrita da história, porque ela possibilitou o trabalho com novas fontes, além das novas abordagens para a história. Discutimos o conceito de cultura para, a partir dela, entender as práticas culturais na cidade de Gado Bravo e como essas práticas podem gerar representações. Também destacamos o que é memória e sua importância para preservação do patrimônio e a manutenção da história local.

2.1. A História Cultural e suas contribuições ao campo da pesquisa sobre memória e história local

A História tradicional era essencialmente política e, diante disso, deixava à margem os temas que eram diferentes, que se opunham aos grandes heróis e às elites, mas, com o surgimento da escola dos Annales, ocorreram diversas mudanças nas formas de se escrever a história, pois, a partir da década de 70 e 80, do século XX, ocorre uma reação a esses paradigmas tradicionais da história e surge uma concepção de história - a Nova História -, que se interessa por várias atividades humanas, ou seja, todos os temas eram possíveis de virarem história, como a morte, a infância, as mulheres. Essa nova História se preocupou mais com as estruturas, enquanto que a história tradicional foi marcada pela narrativa dos acontecimentos, segundo Burke (1992):

Em terceiro lugar, a história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história. (BURKE, 1992, p.12)

Os historiadores dessa Nova História estavam preocupados com a “história vista de baixo”, com a opinião de pessoas comuns e suas experiências de mudança social. Outra mudança ocorrida foi em relação às fontes históricas, que, para os historiadores tradicionais, só poderiam ser fontes históricas os documentos ditos oficiais, todavia, a proposta trazida pela Nova História é que existem outras fontes

que podem ser as orais e imagéticas. Dessa forma, a proposta trazida por esses novos historiadores é de uma história-problema, ou seja, o historiador não narra os fatos e, sim, questiona os fatos. Neste sentido, é importante destacar que existem inúmeras fontes de pesquisa que não se resumem apenas aos documentos. Pesavento (2008), chamando atenção para esse aspecto, mostra que:

No tempo dos homens, e não mais dos deuses, Clio foi eleita a rainha das ciências, confirmando seus atributos de registrar o passado e deter a autoridade da fala sobre fatos, homens e datas de um outro tempo, assinalando o que deve ser lembrado e celebrado. (PESAVENTO, 2008, p.7)

A História Cultural clássica utilizava o conceito de cultura no sentido de “divisões” sociais, cujas produções eruditas se referiam às classes altas. Quando o sentido do termo muda para costumes, valores, modos de vida cotidianos é que a história cultural vai mudar de abordagem, isso vai se dar quando a cultura passa a ser mais importante que a economia e a política e os historiadores se aproximam mais da antropologia.

Dessa forma, a História Cultural vai ter quatro características principais que, segundo Silva (2010), foram: a rejeição ao conceito de mentalidades; o interesse pelas expressões culturais das elites e das massas populares; a preocupação com o resgate do papel das classes, da estratificação e dos conflitos sociais; a ideia de “história plural”, que apresenta caminhos alternativos para a investigação histórica.

Segundo Pesavento (2008), a História Cultural está sendo muito difundida atualmente, visto que diversos trabalhos estão sendo escritos nas universidades brasileiras referentes a este campo de saber. Para Pesavento (2008) “se a História Cultural está sendo chamada de Nova História Cultural, como faz Lynn Hunt é porque está dando a ver uma nova forma de a História trabalhar a cultura”. (Pesavento, 2008, p.15). Segundo ela, não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual ou ainda de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes ou estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos, trata-se de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos por homens e mulheres para explicar o mundo. Sobre a cultura, Pesavento (2008) afirma que:

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se

apresentem de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa. (PESAVENTO, 2008, p.15)

Segundo Barros (2011), a História Cultural tem permitido o estabelecimento de um novo olhar sobre objetos que habitualmente têm sido beneficiados por um tratamento historiográfico econômico, político ou demográfico. Deste modo, para esse autor, o que ocorre é que:

Sua expansão, por conseguinte, vai muito além dos objetos e processos tidos por culturais, de modo que é sempre oportuno enfatizar como a História Cultural tem se oferecido cada vez mais como campo historiográfico aberto a novas conexões com outras modalidades historiográficas e campos de saber, ao mesmo tempo em que tem proporcionado aos historiadores um rico espaço para formulação conceitual. (BARROS, 2011, p.60)

A História Cultural pode abrigar diferentes possibilidades de tratamento e também novos objetos historiográficos que passem a estudar os aspectos culturais de uma dada sociedade. Barros (2005) atenta que:

De igual maneira uma nova História Cultural interessar-se-á pelos *sujeitos* produtores e receptores de cultura - o que abarca tanto a função social dos "intelectuais" de todos os tipos (no sentido amplo, conforme veremos adiante), até o público receptor, o leitor comum, ou as massas capturadas modernamente pela chamada "indústria cultural" (esta que aliás também pode ser relacionada como uma agência produtora e difusora de cultura). Agências de produção e difusão cultural também se encontram no âmbito institucional: os sistemas educativos, a imprensa, os meios de comunicação, as organizações socioculturais e religiosas. (BARROS, 2005, p.129-130)

Desta forma, a História Cultural, que se tornou mais evidente a partir do fim do século XX, abrigou diversas possibilidades de tratamento para as fontes e os temas históricos trabalhados, que, para Barros (2005), podem ser temáticas relativas à "cultura popular", à "cultura letrada", às "representações", às "práticas discursivas" partilhadas por diversos grupos sociais, aos sistemas educativos, à mediação cultural através de intelectuais ou a qualquer campo que seja atravessado pela noção de "cultura".

Para Pesavento (2008), representar é estar no lugar de algo ausente, é apresentar de novo algo para que você perceba que ele esteve ausente, pois, segundo ela, a ideia central é a de substituição que coloca uma ausência e torna sensível uma presença. Deste modo, Pesavento (2008) expõe que:

A representação é conceito ambíguo, pois na relação que se estabelece entre ausência e presença, a correspondência não é da

ordem do mimético ou da transparência. A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção a partir dele. (PESAVENTO, 2008, p.40)

A partir dos pressupostos da História Cultural, podemos perceber que esta não se resume apenas à produção de objetos culturais, mas se destaca também que as pessoas que recebem determinado objeto também são produtoras de cultura. Barros (2003) destaca que:

As noções que acoplam mais habitualmente à de “cultura” para constituir um universo de abrangência da História Cultural são as de “linguagem” (ou comunicação), “representações”, e de “práticas” (práticas culturais, realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as ‘práticas discursivas’ como as ‘práticas não discursivas’). (BARROS, 2003, p.147)

De acordo com Barros (2005), Chartier contribuiu para a História Cultural na elaboração das percepções sobre as “práticas” e “representações”, pois, para a História Cultural, existiria uma relação interativa entre esses dois polos, uma vez que os objetos culturais seriam produzidos entre esses dois conceitos e os sujeitos produtores e receptores da cultura circulariam nesses polos, que seriam correspondentes aos “modos de fazer” e “modos de ver”, sendo essas noções de importante relevância para os historiadores da área da cultura. Barros (2005) define práticas culturais da seguinte forma:

São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem seus estrangeiros. (BARROS, 2005, p.131)

Podemos perceber que essas práticas culturais geram representações que podemos definir como o “modo de ver as coisas” e essas representações geram práticas que podem ser os modos de viver e as atitudes, pois quando uma representação liga-se a significados fora de si e entronizados em uma “comunidade discursiva” esta representação começa a se avizinhar de outra categoria importante da História Cultural que é o símbolo. Barros (2011) afirma que:

Aquilo que os historiadores da cultura têm chamado de campo das representações pode abarcar tanto as representações produzidas ao nível individual (as representações artísticas, por exemplo), como as representações coletivas, os modos de pensar e de sentir (a que se referia a antiga noção de “mentalidades”), certos elementos que já

fazem parte do âmbito do imaginário e, com especial importância, os “símbolos”, que constituem um dos recursos mais importantes da comunicação humana. (BARROS, 2011, p.53)

As representações podem ser apropriadas de uma direção socialmente motivada, isso remete a outro conceito fundamental para a História Cultural que é o de “ideologia”, que, segundo Barros (2011), corresponde a uma determinada forma de construir representações já existentes para atingir determinados objetivos ou reforçar determinados interesses.

Sabendo que a História Cultural, ao trabalhar com as práticas religiosas e suas representações, permite discutir sobre o conceito de cultura e esta é fundamental para explicar determinadas características da sociedade, ou o porquê de determinados comportamentos que variam de uma sociedade para outra, podemos trabalhar com as festividades religiosas, como a festa de São José, em Gado Bravo, percebendo ela como uma prática cultural fundamental para a identidade local, porque através dela percebemos os aspectos singulares desta localidade.

Entretanto, para falarmos da festa de Gado Bravo inserida no campo da História Cultural, torna-se importante entender a concepção de cultura bem como discuti-la de forma interdisciplinar com a sociologia e a antropologia. Nessa perspectiva, Barros (2011) afirma que:

A contribuição maior da antropologia para a Nova História Cultural, neste caso, tem sido a de proporcionar uma nova abordagem que remonta ao que, na Antropologia, denomina-se “descrição densa”. A atenção aos detalhes, e o empenho de, através deles, atingir questões sociais mais amplas, corresponde à redução da escala de observação na corrente da História Cultural que se combina aos procedimentos micro historiográficos. Por outro lado, também encontraremos, entre as inspirações oriundas do diálogo com a antropologia, a possibilidade de definir a História cultural como busca de apreensão da “alteridade”. (BARROS, 2011, p.39)

Para Cucho (1999), o que diferencia as populações são suas características culturais e não os fatores biológicos, porque esses sim podem ser iguais, mas as escolhas de cada sociedade é que podem ir mudando de acordo com o que lhe é posto. Sendo assim:

A noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos,

uma vez que a resposta “racial” está cada vez mais desacreditada, à medida que há avanços da genética nas populações humanas. (CUCHE, 1999, p.9)

Deste modo, Cucho (1999) mostra que:

Nada é puramente natural no homem. Mesmo as funções humanas que correspondem a necessidades fisiológicas como a fome, o sono, o desejo sexual, etc. são informados pela cultura: as sociedades não dão exatamente as mesmas respostas a essas necessidades. (CUCHE, 1999, p.11)

Diversas culturas podem coexistir dentro de uma determinada sociedade, algumas podendo se destacar mais sobre as outras, entendendo que em uma sociedade existem grupos hierárquicos diferentes, e que essas diferenças podem ser percebidas também em suas respectivas culturas, mas enfatizando que estas são singulares, representam as identidades de cada grupo, e que mesmo recebendo a influência de outras culturas dificilmente elas perderão a sua cultura de origem e poderão conviver com aspectos de várias culturas diferentes. Cucho (1999) afirma que:

Não existem, conseqüentemente, de um lado as culturas “puras” e de outro, as culturas “mestiças”. Todas, devido ao fato universal dos contatos culturais, são, em diferentes graus, culturas “mistas”, feitas de continuidades e de descontinuidades. Há geralmente mais continuidades entre duas culturas que estão em contato prolongado do que entre os diferentes estados de um mesmo sistema cultural tomado em momentos distintos de sua evolução histórica. (CUCHE, 1999, p.140-141)

A palavra cultura teve diversos significados e, para os etnólogos, a grande dificuldade era como utilizar o termo: se no sentido universalista ou no sentido particularista. Tylor (apud CUCHE, 1999) trouxe a primeira definição etnológica de cultura que, para ele:

Cultura e civilização, tomados em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade. (TYLOR, 1871, p.1 apud CUCHE, 1999, p.35)

Dessa forma, ele traz uma concepção coletiva da cultura. Deixando de lado os fatores biológicos, e ele mostra a cultura como algo coletivo e inconsciente, além de fazer uma comparação entre as culturas, mostrando que existia uma ligação entre elas que era fundamental para que ambas evoluíssem. Contrariamente a ele,

Franz Boas (apud CUCHE 1999), inventor da etnografia, traz um conceito particularista de cultura, que buscava estudar as culturas primitivas e mostrar que as diferenças entre os diversos grupos estavam relacionadas à cultura e não à raça. Conforme Cucho, “ele fez uma crítica radical do chamado método de ‘periodização’ que consiste em reconstituir os diferentes estágios de evolução da cultura a partir de pretensas origens.” (CUCHE, 1999, p.42).

Para Cucho (1999), cada cultura constitui um todo coerente, todos os elementos de um determinado sistema cultural se harmonizam uns aos outros, fazendo com que todos os sistemas fiquem equilibrados e funcionais, é o que explica o fato de todas as culturas permanecerem idênticas a si mesmas. Os culturalistas, em seus estudos sobre cultura, trouxeram diversos modelos de como deve trabalhar a cultura, demonstrando o que poderia ser fundamental para determinar uma cultura de uma dada sociedade.

Sabendo que as culturas se ressignificam através do tempo, podemos perceber que alguns aspectos culturais da festa de São José foram preservados ao longo dos anos, e novas características foram acrescentadas as já existentes na festa. Cucho (1999) diz que:

Por outro lado, as culturas primitivas eram percebidas como culturas pouco ou não modificadas pelo contato, supostamente muito limitado, com as outras culturas. A etnologia não somente cultivou a obsessão da busca do aspecto original de cada cultura, mas também a da procura do caráter absolutamente original de cada cultura. Nesta perspectiva, toda mestiçagem das culturas era vista como um fenômeno que alterava sua “pureza” original e que atrapalhava o trabalho do pesquisador embaralhando as pistas. O pesquisador não deveria, então, privilegiar o estudo deste fenômeno, ao menos em um primeiro momento. (CUCHE, 1999, p.111)

Compreendemos que culturas diferentes podem coexistir em um mesmo espaço. Dessa forma, devemos pensar as festividades de São José, na cidade de Gado Bravo, como uma prática cultural que identifica aquela sociedade bem como aquela localidade, pois diversos aspectos da festividade, ao longo do tempo, foram sendo incorporados pelas pessoas que residem na cidade.

A festa de São José tornou-se uma “herança cultural” de Gado Bravo, que é passada intergeracionalmente. Desse modo, podemos dizer que ela faz parte da cultura coletiva das pessoas da cidade e das que vêm de outras regiões prestigiarem a festa, sejam elas pertencentes à igreja católica ou apenas estão na festa na condição de frequentadoras. Tudo isso acaba originando diversos significados, como

a devoção que eles têm em seu padroeiro e que vem sendo passado ao longo de décadas e que permanece até os dias atuais, e a fé que eles demonstram ao longo das noites de celebração. Cuche (1999) afirma que:

Em uma abordagem culturalista, a ênfase não é colocada sobre a herança biológica, não mais considerada como determinante, mas, na herança cultural, ligada à socialização do indivíduo no interior do seu grupo cultural. Entretanto, o resultado é quase o mesmo, pois segundo esta abordagem, o indivíduo é levado a interiorizar os modelos culturais que lhe são impostos, até o ponto de se identificar com seu grupo de origem. Ainda assim a identidade é definida como preexistente ao indivíduo. Toda identidade cultural é vista como consubstancial com uma cultura particular. Os pesquisadores tentarão então fazer a lista dos atributos que deveriam servir de base à identidade coletiva. Procurarão determinar as invariantes culturais que permitem definir a essência do grupo, ou seja, sua identidade "essencial", praticamente invariável. (CUCHE, 1999, p.179)

É importante percebermos que mesmo existindo outras práticas culturais em Gado Bravo, a predominância é dada às práticas religiosas daquelas pessoas que são símbolos que representam a memória das pessoas em função da devoção ao seu padroeiro, tornando-se assim uma forma deles representarem sua cultura. Diante disso, Geertz (2008) defende a cultura como sendo relacionada aos símbolos que a constroem:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a uma teia de significados que ele mesmo teceu, assume a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação. (GEERTZ, 2008, p.4)

Geertz (2008) vê a cultura como algo público, a que todos podem compartilhar, sem perceber que fazem parte daquela cultura, como é o caso das festas de padroeiro, onde as pessoas que fazem parte daquela comunidade católica estão acostumadas com os sistemas simbólicos que envolvem aquela festa, acabando por manterem os mesmos traços de forma natural.

Neste sentido, Geertz (2008) busca interpretar as culturas e não apenas descrevê-las. Para ele, as culturas que existem geram interpretações diferentes. Desse modo, a forma como a festa de São José é vista pelas pessoas da comunidade católica não é a mesma vista pelas pessoas que não participam da

festa, nem a mesma vista pelas pessoas de outras práticas culturais. Geertz (2008) afirma que:

O ponto a focar agora é somente que a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados - é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que eles têm que de alguma forma primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 2008, p.7)

Devemos pensar como esses símbolos são importantes para a sociedade e como eles podem exercer controle sobre essas, porque, através deles, a sociedade demonstra aceitação ou negação a certos comportamentos. Podemos entender que a cultura exerce poder sobre as pessoas, o poder de decidir entre práticas que eles consideram “corretas” e outras que eles consideram “erradas”. Geertz (2008), em relação a isso, diz que:

Visto sob esse ângulo, o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano. De fato, esse não é o seu único objetivo - a instrução, a diversão, o conselho prático, o avanço moral e a descoberta da ordem natural no comportamento humano são outros, e a antropologia não é a única disciplina a persegui-lo. No entanto, esse é um objetivo ao qual o conceito de cultura semiótico se adapta especialmente bem. Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível - isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 2008, p.10)

Podemos afirmar então que a cultura é fundamental pra uma sociedade se reconhecer enquanto tal. Por exemplo, uma das representações culturais da cidade de Gado Bravo é a festa ao seu padroeiro, que é algo que existe há décadas e que as pessoas se adequaram aqueles costumes, ou seja, eles aceitaram as regras que lhes foram colocadas a partir daquela festa, como a maneira de se comportar na

igreja, as rezas, as procissões, enfim uma série de costumes aos quais a sociedade se identificou e foram sendo transmitidos e aceitos ao longo do tempo.

2.2. Memória e patrimônio na História local

É importante falarmos das práticas culturais festivas na cidade de Gado Bravo através da festa de São José porque esta representa a memória das pessoas daquela localidade e, portanto, pode ser considerado um patrimônio. Para discutirmos práticas festivas na condição de patrimônio, devemos debater sobre o conceito de memória e de que forma ele foi construído ao longo do tempo.

A memória torna-se fundamental para a construção da história local e isso irá influenciar no que a sociedade irá considerar como importante para ser preservado às futuras gerações e o que deve ser esquecido. Em relação à história, Le Goff (1990) afirma que:

No início do século XIX a história era quase nada. O historicismo, em diversos aspectos, quis fazer tudo. A história não deve reger as outras ciências e, menos ainda, a sociedade. Mas, tal como o físico, o matemático, o biólogo – e, de outro modo, os especialistas de ciências humanas e sociais –, o historiador também deve ser ouvido, ou seja, a história deve ser considerada como um ramo fundamental do saber. (LE GOFF, 1990, p.51)

A história, ao longo do tempo, passou por diversas mudanças no seu modo de escrever sobre o passado e o que deveria ser considerado tema a ser trabalhado, a concepção de tempo, a forma como as sociedades históricas viam o passado. Sendo assim, a historiografia e suas correntes tiveram um papel fundamental para a escrita da história. Le Goff (1990) afirma que:

Dessa forma, a historiografia surge como sequência de novas leituras do passado, plena de perdas e ressurreições, falhas de memória e revisões. Estas atualizações também podem afetar o vocabulário do historiador, introduzindo-lhe anacronismos conceituais e verbais, que falseiam gravemente a qualidade do seu trabalho. (LE GOFF, 1990, p.28)

Os modos de fazer a história foram mudando ao longo do tempo. A escola dos Annales trouxe diversas mudanças na forma de se escrever a História e em

suas temáticas e fontes, abrindo assim outras possibilidades para a história. Sobre a historiografia tradicional, Le Goff (1990) diz que:

Falar dos silêncios da historiografia tradicional não basta; penso que é preciso ir mais longe: questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos. (LE GOFF, 1990, p.109)

Quando pensamos na ausência de documentos para se escrever a história, devemos pensar nas novas fontes trazidas pelos historiadores da escola dos Annales, como é o caso das fontes orais, segundo Le Goff (1990):

A história da história não se deve preocupar apenas com a produção histórica profissional, mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica, ou melhor, a mentalidade histórica de uma época. Um estudo dos manuais escolares de história é um aspecto privilegiado, mas esses manuais praticamente só existem depois do século XIX. O estudo da literatura e da arte pode ser esclarecedor deste ponto. (LE GOFF, 1990, p. 48)

O historiador, ao escrever sobre o passado, irá se deparar com uma série de documentos ou fontes a serem exploradas, fazendo, assim, com que surjam diversas abordagens para temas históricos. Sendo assim, ele sai do presente para questionar o passado. Sobre o passado, Le Goff (1990) afirma que:

O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história. Isto é verdadeiro em dois sentidos. Primeiro, porque o progresso dos métodos e das técnicas permite pensar que uma parte importante dos documentos do passado está ainda por se descobrir. Parte material: a arqueologia decorre sem cessar dos monumentos desconhecidos do passado; os arquivos do passado continuam incessantemente a enriquecer-se. Novas leituras de documentos, frutos de um presente que nascerá no futuro, devem também assegurar ao passado uma sobrevivência - ou melhor, uma vida -, que deixa de ser "definitivamente passado". À relação essencial presente- passado devemos pois acrescentar o horizonte do futuro. (LE GOFF, 1990, p.24-25)

Jaques Le Goff (1990) afirma que existem duas histórias, mas devemos enfatizar a importância da memória coletiva para as sociedades que ainda não tiveram sua história escrita. Desse modo, a história de Gado Bravo pode ser escrita a partir das pessoas que tiveram participação na festa e também na formação daquela cidade, e de seus costumes, portanto, nesse caso, é importante a memória coletiva daquelas pessoas, pois é através dela que poderão ser colhidos diversos

aspectos daquela localidade. Em relação a este aspecto, Le Goff (1990) enfatiza que:

Em primeiro lugar, porque há pelo menos duas histórias e voltarei a este ponto: a da memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado. É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria sê-lo) e os *mass media*, corrija esta história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros. Mas estará o historiador imunizado contra uma doença senão do passado, pelo menos do presente e, talvez, uma imagem inconsciente de um futuro sonhado?(LE GOFF, 1990, p.29)

Em relação à história oral e à história escrita, podemos entender que eles tiveram significados diferentes em cada sociedade porque cada uma tinha uma forma de demonstrar o que era documento para eles, visto que para algumas sociedades da antiguidade só existiria história por meio da escrita. Nesse aspecto, Le Goff (1990), enfoca que:

Sobre o par oral/escrito, fundamental para a história, gostaria de fazer duas observações. É claro que a passagem do oral ao escrito é muito importante, quer para a memória, quer para a história. Mas não devemos esquecer que: 1) oralidade e escrita coexistem em geral nas sociedades e esta coexistência é muito importante para a história; 2) a história se tem como etapa decisiva a escrita, não é anulada por ela, pois não há sociedades sem história. (LE GOFF, 1990, p.53)

A ciência histórica ao longo do tempo foi passando por modificações, onde seria necessário que todos se tornassem sujeitos da história e não apenas os europeus, bem como a Europa como centro do universo. Isso foi importante porque as classes que antes não tiveram sua história conhecida passaram a ter, pois as minorias também fizeram parte da história e isso vem mudando porque tudo pode ser história e não apenas as elites. Conforme Le Goff (1990), “Há um alargamento do horizonte histórico que deve trazer uma verdadeira revolução da ciência histórica, pela necessidade de pôr fim ao etnocentrismo e de deseuropeizar a história”. (Le Goff, 1990, p.137)

Para as sociedades sem escrita, é fundamental o trabalho com os relatos orais sobre estas sociedades, porque só assim sua história será conhecida. Nesse caso, a memória torna-se fundamental para o historiador que pesquisa sociedades desse tipo. Le Goff (1990) expõe que:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990, p.423)

A memória é fundamental para a manutenção da identidade coletiva de determinadas sociedades, embora muitas vezes possam existir obstáculos ao trabalhar com a memória como esquecimento de alguns fatos, ou mesmo pelo fato de o indivíduo preferir omitir que alguns fatos venham a público. Sobre as perturbações de memória, Le Goff (1990) assevera que:

Ainda é mais evidente que as perturbações da memória, que, ao lado da amnésia, se podem manifestar também no nível da linguagem na afasia, devem em numerosos casos esclarecer-se também à luz das ciências sociais. Por outro lado, num nível metafórico, mas significativo, a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva. (LE GOFF, 1990, p.425)

Com o surgimento da escrita surge a dualidade oral/ escrito, visto que a memória do grupo poderia ser preservada por meio da escrita também. É importante pensar nos lugares de memória que as pessoas criaram para preservar determinados personagens ou lugares. Isso foi feito por meio de monumentos, museus e todos os símbolos que determinadas sociedades consideravam importantes e que deveriam fazer parte da memória coletiva. Esses ícones poderiam ser desde datas comemorativas instituídas até medalhas, fotos, ou seja, tudo o que preservasse a memória de determinado fato ou personagem histórico. Le Goff (1990) destaca que:

O aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva. Desde a "Idade Média ao Paleolítico" aparecem figuras onde se propôs ver "mitogramas" paralelos à "mitologia" que se desenvolve na ordem verbal. A escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. A memória assume então a forma de inscrição e suscitou na época moderna uma ciência auxiliar da história, a epigrafia. Certamente que o mundo das inscrições é muito diverso (LE GOFF, 1990, p.431)

É importante perceber a importância que determinado fato que ocorreu no passado tem para o presente, só a partir disso o historiador vai ao passado em

busca das memórias de determinado período. Santos (2007), sobre esse aspecto, afirma que:

Nesse caso, o presente pode ser lido como tempo que se coloca ao historiador como processo, como dinâmica que a todo momento sente, dentro de si, o deflagrar de um passado que convida à pesquisa porque exige respostas ao presente. Um passado que deixa emergir ressurgências de si, que impõe o repensar sobre memórias constituídas e vividas com uma intensidade política provocadora de ações e reações de grupos étnicos, religiosos, sexuais e acadêmicos nas suas defesas de direitos e deveres de memória. (SANTOS, 2007, p.83)

Por isso, a memória torna-se importante, haja vista ser a partir dela que se pode reconstituir dos fatos ocorridos no passado que servirão muitas vezes como legitimadores de identidades. Portanto, o historiador parte do presente e busca nas memórias do passado as respostas as suas questões, mas devemos ressaltar que existem as memórias individuais e as coletivas que pertencem a determinado grupo.

A memória coletiva é aquela que pertence a um grupo e que serve para legitimar essa identidade, mas para que determinado indivíduo sinta-se como pertencente ao grupo é necessário que as lembranças tenham importância para sua vida de forma individual. Só dessa forma a memória poderá ser preservada para o futuro. Halbwachs (apud SANTOS, 2003) reitera a importância da memória individual para a preservação da memória grupal:

O funcionamento da memória individual não é possível sem estes instrumentos que são as palavras e as ideias, as quais não são inventadas pelos indivíduos, mas que eles as empregam no seu meio. (HALBWACHS, 1968, p.36, apud SANTOS, 2003, p.69)

Neste sentido, é importante ressaltar que o presente pode ser alterado a partir da memória porque ao lembrar algo que ocorreu no passado o indivíduo irá trazer novas informações ao presente, mas o historiador, ao lidar com memória, precisa levar em consideração que o passado não pode ser reconstituído de maneira íntegra, muitas vezes o indivíduo, ao contar algo, pode se deter a fatos que foram importantes para ele, os quais ele participou ativamente, e deixar à margem fatos importantes para a pesquisa. Para Santos (2003):

Entretanto a tarefa de associar a memória apenas a quadros sociais não é uma tarefa tão fácil, pois a frente de tantas construções coletivas caberá sempre ao indivíduo, pelo menos, a escolha e seleção das memórias socializadas disponíveis. (SANTOS, 2003, p.71)

A memória individual necessita ser evocada muitas vezes a partir da lembrança, portanto, às vezes o historiador precisa relembrar datas, lugares, para que o indivíduo relembre aqueles fatos do passado. Barlett (apud SANTOS, 2003) afirma que:

Lembrar não é a re-excitação de inumeráveis traços fragmentados, fixos e sem vida. É uma re-construção, ou construção imaginativa, construída a partir de nossa atitude em relação a uma massa ativa de reações ou experiências do passado organizadas, e em relação a pequenos detalhes importantes que comumente aparecem em imagem ou na forma de linguagem. (BARTLETT, 1961, p.213, apud SANTOS, 2003, p.53)

Ao trabalhar com as festas religiosas a partir das narrativas orais, é importante perceber que as pessoas que fazem parte dessa festa, e que pertencem à localidade, têm uma maior facilidade em narrar como as festas ocorriam, diferentemente das pessoas que não participam diretamente, porque, para os indivíduos participantes, ela faz parte da memória individual, como também da memória coletiva, e a partir da forma como são recontadas mantêm a tradição do grupo. De acordo com Santos (2003):

Halbwachs contribuiu para a compreensão do funcionamento da memória ao mostrar que elementos da tradição, isto é, de quadros coletivos anteriores à tomada de decisão pelos indivíduos, eram incorporados nas novas configurações que eram feitas sobre o passado. A relação entre indivíduos e os quadros sociais foi compreendida fundamentalmente como sendo uma relação de manutenção de estruturas já dadas, embora houvesse uma grande abertura em perceber a relação entre os diversos níveis em que estas estruturas se formavam. (SANTOS, 2003, p.48)

A festa de São Jose torna-se, deste modo, importante para a memória da cidade de Gado Bravo e para as pessoas que participam da festa porque ao longo dos anos, a cada realização do evento, ocorre a preservação da memória entre seus habitantes.

Com as mudanças que a História vem passando em relação aos métodos que proporcionaram o conhecimento histórico, os sujeitos da história também foram mudando. Antes a história era apenas restrita às elites, posteriormente os sujeitos marginalizados passaram a ter suas histórias contadas, principalmente por meio da história oral que, ao longo dos anos, vem apresentando um crescimento considerável enquanto fonte histórica. Conforme Polak (1989):

Esse reconhecimento do caráter potencialmente problemático de uma memória coletiva já anuncia a inversão de perspectiva que

marca os trabalhos atuais sobre esse fenômeno. Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância das memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória oficial”, no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. (POLAK, 1989, p.4)

Essas classes, que antes eram vistas como sem grandes contribuições históricas, estão alcançando espaço na sociedade. Em relação a isso, Polak (1989) afirma que essa memória está cada vez mais alcançando todos os espaços e isso, segundo o estudioso:

Consiste muito mais na irrupção de ressentimentos acumulados no tempo e de uma memória da dominação e de sofrimentos que jamais puderam se exprimir publicamente. Essa memória “proibida” e, portanto, “clandestina” ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica. Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades. (POLAK, 1989, p.5)

A grande dificuldade desses personagens colocados à margem é a concorrência com a história oficial, dos grandes heróis, que acaba por ter maior credibilidade, pela forma como é imposta à sociedade. Por isso, Polak (1989) afirma que é necessário analisar as funções com que essas memórias foram criadas:

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis. (POLAK, 1989, p.9)

Já em relação às memória individual e coletiva, devemos pensar que elas podem ser estudadas a partir de datas, lugares, pessoas que fizeram parte de determinado acontecimento. Nesse sentido, Polak (1992) assevera que os lugares de memória também são importantes para a lembrança de determinados acontecimentos, pois normalmente eles estão relacionados a algo que foi vivido pelo indivíduo:

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. (POLAK, 1992, p.2-3)

Isso está relacionado aos estímulos que a memória precisa receber para que algo que aconteceu seja recordado, visto que, segundo Polak (1992), a memória é seletiva, nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado. O historiador precisa estar ciente das dificuldades que irá enfrentar ao trabalhar com a história oral, como o esquecimento de determinados acontecimentos, entretanto, Polak (1992) afirma que ela é tão importante quanto a fonte escrita e pode suscitar diversos debates:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta. (POLAK, 1992, p.8)

A história oral é uma fonte importante de pesquisa, sobretudo quando não há outros recursos para fornecerem informações sobre determinado tema, ou até mesmo aliada a outras fontes de pesquisa. Diante das dificuldades em se trabalhar com a história oral, devemos enfatizar o trabalho feito com a memória de pessoas idosas, que se torna muito importante para o historiador, porque essas pessoas sempre têm algo a mais para contar, eles se mostram atentos a todos os detalhes que, para muitos, às vezes, passam despercebidos, mas que são fontes riquíssimas para o historiador. Ecléa Bosi (1994), em seu trabalho com a memória de pessoas idosas, destacou que:

O presente estudo sobre a memória se edificou naturalmente e sem nenhum mérito de minha parte sobre uma comunidade de destino - o envelhecimento - de que participamos, sujeito e objeto da pesquisa. Sei que a expressão “objeto da pesquisa” pode repugnar aos que trabalham com ciências humanas, se essa objetividade é entendida como tratar o sujeito à maneira de coisa, como redução de suas qualidades individuais para torná-lo objeto compatível com o método experimental. Nesta pesquisa, fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças. (BOSI, 1994, p.38)

A memória de pessoas idosas é muito importante para o conhecimento da história local, principalmente nos locais onde existem poucas fontes escritas que abordem sobre determinado tema, como é o caso da festa de São José, em Gado Bravo, porque, ao questionarmos idosos, eles trazem muitas vezes informações, relatos, datas, detalhes de acontecimentos importantes para o pesquisador. Ao falar das dificuldades em ter uma documentação para confrontar com os relatos dessas pessoas, Bosi (1994) comenta que:

A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida. Recolhi aquela “evocação em disciplina” que chamei de memória-trabalho. (BOSI, 1994, p.37)

O trabalho com a memória exige paciência. Às vezes, não se alcança o objetivo esperado na hora da entrevista. Contudo, quando a pessoa não consegue lembrar-se de algo, ao serem questionados outros aspectos relativos ao mesmo assunto a pessoa pode ir relembando aos poucos. Isso ocorre porque, como Bosi (1994) destaca:

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afluíam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito. (BOSI, 1994, p.39)

A memória também pode ser entendida como uma representação que o sujeito faz de algo, às vezes o indivíduo tem determinado comportamento que está em sua memória e este se torna importante para a sua vida no presente. Bosi (1994) destaca a memória-hábito como:

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. (BOSI, 1994, p.48)

Para as pessoas idosas, torna-se importante falar de seu passado, de como determinados fatos ocorreram, eles sentem-se importantes em estar contando algo que vivenciaram e, principalmente, pelo fato deles lembrarem. Na verdade, é como se eles estivessem revivendo as histórias passadas. Em contrapartida, as pessoas jovens não buscam muito pelo passado, acabando por não dar muita importância a ele.

No caso da Festa de São José, enquanto uma prática cultural de Gado Bravo ela torna-se importante para a memória das pessoas que dela fazem parte, porque gera representações diferentes, porque algumas pessoas fazem parte da organização, outras preferem a parte mais profana e cada pessoa se apropria de uma maneira diferente, ou seja, são representações que acabam por gerar diferentes memórias sobre um mesmo assunto. Nesse aspecto, Chartier (1991) informa que:

Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma. Outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo da de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade. (CHARTIER, 1991, p.183)

Dessa forma, essas diversas representações têm o caráter social porque mostram a maneira de ser daquela sociedade. No caso das práticas festivas, elas demonstram que aspectos puderam ser representados e serviram como símbolos identitários do festejo. Sendo assim, Chartier (1991), em relação à forma como as representações podem dominar as pessoas, expõe que:

A relação de representação é, desse modo, perturbada pela fraqueza de imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é. Assim desviada, a representação transforma-

se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde faltar o possível recurso à força bruta: “Só os homens de guerra não estão disfarçados assim, porque na realidade a sua parte é mais essencial: estabelecem-se pela força, ao passo que os outros o fazem pela aparência”. (CHARTIER, 1991, p.185-186)

Portanto, essas representações tornam-se parte do cotidiano das pessoas que participam dessas festas e, durante o período de realização da comemoração, todo o cotidiano dessas pessoas, bem como da cidade, passa por mudanças. É importante destacar como essas pessoas conseguiram ao longo dos anos preservar as suas práticas culturais. Para Certeau (2008):

Muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar refeições etc.) são do tipo tática. E também, de modo mais geral, uma grande parte das “maneiras de fazer”: vitórias do “fraco” sobre o mais “forte” (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc.), pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de “caçadores”, mobilidades de mão-de-obra, simulações polimorfos, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos. Essas performances operacionais dependem de saberes muito antigos. (CERTEAU, 2008, p.47)

Mas a memória é muito importante para as transformações em determinado espaço, porque é através dela que determinados elementos da cultura popular podem permanecer no cotidiano das pessoas. Desse modo, Certeau (2008) defende que:

Mas todas essas variantes poderiam ser, apenas, ampliadas em projeções simbólicas e narrativas, às sombras da prática cotidiana que consiste em aproveitar a ocasião e fazer da memória o meio de transformar lugares. (CERTEAU, 2008, p.161-162)

Portanto o cotidiano pode transformar a vida de determinados indivíduos, ou mesmo o indivíduo, por meio de sua memória, pode trazer novos elementos, até então esquecidos a sua vida cotidiana. Sendo assim, Certeau (2008) define espaço e lugar como sendo:

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para as duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de

programas conflituais ou de proximidades contratuais. (CERTEAU, 2008, p.201-202)

Podemos entender, a partir do exposto, que os espaços podem passar por transformações, seja um espaço urbano, cultural. As pessoas podem dar ao espaço a característica que, para elas, convém melhor. Muitas vezes, determinada cultura não é parte daquele grupo, então eles podem inserir dentro daquele espaço a cultura que lhes é própria. Isso pode ser possível por meio da memória, porque, segundo Certeau (2008):

A memória mediatiza transformações espaciais. Segundo o modo do “momento oportuno” (*kairós*), ela produz uma ruptura instauradora. Sua estranheza torna possível uma transgressão da lei do lugar. Saindo de seus insondáveis e móveis segredos, um “golpe” modifica a ordem local. (CERTEAU, 2008, p.161)

Diante da importância da memória dessas pessoas e sabendo que ela pode transformar os espaços, podemos enfatizar as festas religiosas como sendo um patrimônio daquela localidade e o patrimônio é importante também para entendermos a memória e a história local, seja ele material ou imaterial. Todavia, para falarmos de patrimônio é importante sabermos o seu significado e importância, para, em seguida, compreendermos a história de um lugar como patrimônio imaterial. Sobre patrimônio, entendemos que pode ser algo deixado como herança para alguém. Nesse sentido, Choay (2006) exhibe que:

Esta bela e antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico, etc.) que fizeram dela um conceito “nômade”, ela segue hoje uma trajetória diferente e retumbante. (CHOAY, 2006, p.11)

Portanto, o patrimônio é importante para a preservação da identidade de uma sociedade, sendo assim, esse conceito de patrimônio tornou-se mais amplo, passando-se a utilizar o termo patrimônio histórico, porque não se resumia apenas ao monumento ou a uma obra de arte, mas a tudo o que puder representar aspectos de uma sociedade, traços identitários. Assim, Choay (2006) define patrimônio histórico como:

A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das

belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos. (CHOAY, 2006, p.11)

Essa valorização dada ao patrimônio tornou-se muito importante para o alargamento dos bens que poderiam ser considerados como tais, ocorrendo, dessa forma, uma valorização dos aspectos determinantes da cultura de uma localidade. É uma forma deles tornarem vivos na memória o que têm de mais importante. Assim sendo, Tomaz (2010) afirma:

Nessa direção, vale destacar que o estudo do patrimônio cultural promove a valorização e consagração daquilo que é comum a determinado grupo social no tempo e no espaço. Esse patrimônio compreende três grandes categorias: a primeira engloba os elementos pertencentes à natureza, ao meio ambiente; a segunda refere-se ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ao saber-fazer; e a terceira trata mais objetivamente do patrimônio histórico, que reúne em si toda a sorte de coisas, artefatos e construções resultantes da relação entre o homem e o meio ambiente e do saber-fazer humano, ou seja, tudo aquilo que é produzido pelo homem ao transformar os elementos da natureza, adequando-os ao seu bem-estar. (TOMAZ, 2010, p.3)

Diante desse conceito amplo de patrimônio, podemos destacar a importância do patrimônio imaterial para a preservação das culturas locais, visto que esses bens são importantes porque mantêm vivos, na memória das pessoas, os aspectos daquela cultura. As discussões sobre o que deve ser preservado a cada dia só aumentam e, conseqüentemente, diversas tradições vêm se tornando patrimônio.

Segundo a UNESCO (apud Cavalcanti e Fonseca, 2008), o artigo 2º da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial entende por patrimônio cultural imaterial:

[As] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas- junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, 2003, p.4, apud CAVALCANTI e FONSECA, 2008, p.11-12)

A ampliação do conceito de patrimônio oportunizou às camadas populares o reconhecimento de sua cultura em âmbito nacional. Anteriormente, o que ocorria era a representação da cultura apenas por parte das elites, ficando à margem de cultura

representativa da nação as culturas populares. Segundo D'Alessio (2012), as ideias preservacionistas se intensificaram a partir da década de 30, embora não tenham ficado restritas às esferas de poder, porque tanto as elites intelectuais e artísticas buscaram criar a ideia de construção da nação, mas só a partir da década de 70, com os estudos sobre memória, todos os grupos deveriam fazer parte da memória histórica do país.

A criação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) foi uma das primeiras instituições que tinham como objetivo a proteção do patrimônio cultural no Brasil. Em 1888, houve uma ampliação dos bens que deveriam ser considerados como patrimônio, a partir daí surge o patrimônio imaterial como objeto de preservação. Dentro do IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), foi criado um órgão DPI (Departamento de Patrimônio Imaterial) que tinha como função cuidar dos bens considerados patrimônio imaterial.

O patrimônio imaterial passa a ser registrado em livros de acordo com a categoria em que está inserido, como o livro de registro dos saberes, livro de registro das celebrações, das formas de expressão e dos lugares. Cavalcanti e Fonseca (2008), em relação a isso, explicam que:

O conjunto de políticas voltadas para o patrimônio cultural imaterial tem como principais instrumentos o Registro, o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI) e os Planos de Salvaguarda. (CAVALCANTI e FONSECA, 2008, p.18)

Atualmente, diante do processo de aceleração do tempo, do surgimento das novas tecnologias, com as mudanças que vêm ocorrendo repentinamente, é muito importante a preservação do patrimônio, seja ele material ou imaterial, porque ele vai ser imprescindível para a manutenção de aspectos de uma sociedade. Tomaz (2010), discutindo sobre a preservação do patrimônio histórico, enfatiza que:

A preservação do patrimônio histórico deve-se ao fato de que a vida de uma comunidade, de um povo, está relacionada ao seu passado, à sua vivência, às transformações ocorridas na sua história. A preservação tem por objetivo guardar a memória dos acontecimentos, suas origens, sua razão de ser. Torna-se também imprescindível relacionar os indivíduos e a comunidade com o edifício a ser preservado, visto que uma cidade, no seu viver cotidiano, tem sua identidade refletida nos lugares cuja memória os indivíduos constroem no dia-a-dia. Preservar o patrimônio histórico é relacioná-lo com as interações humanas a ele ligadas. (TOMAZ, 2010, p.6)

O patrimônio imaterial, veiculado pela festa de São José, em Gado Bravo, é importante não só para entender a história do lugar, como, também, para entender a construção identitária das pessoas a partir da memória da festa e do que elas dizem sobre a festa.

Trabalhar com o patrimônio imaterial, como é o caso da festa, enquanto uma ação patrimonial, como uma ação de memória, nos permite entender a história local, a identidade dos sujeitos que fazem parte dessa festa e a própria memória social do lugar, portanto, a festa de São José é um patrimônio gadobravense importante de ser estudado para pesquisa histórica.

3. AS FESTIVIDADES DO PADROEIRO EM GADO BRAVO

O presente capítulo aborda a história local, destacando a história da cidade de Gado Bravo, e, a partir desta, fala de seus aspectos culturais, tendo como principal aspecto a festa religiosa de São José. Enfatizamos os antecedentes da festa, as diversas fases em que ela ocorreu, destacando as mudanças que foram ocorrendo ao longo dos anos e as permanências que fizera com que ela se tornasse um patrimônio imaterial da cidade.

3.1. As práticas culturais em Gado Bravo: breve histórico

A cidade de Gado Bravo, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), tinha sua população, no ano de 2011, estimada em 8.376 habitantes. A maioria da população está localizada na zona rural do município. A cidade tem como símbolos o brasão, a bandeira e o hino. A figura 01 mostra a cidade de Gado Bravo.

Figura 01: Foto aérea da cidade de Gado Bravo.



Fonte: www.citybrazil.com.br/arquivos/imagens/galfotos/gfu_800_00019062.jpg

Gado Bravo foi distrito de Umbuzeiro até a emancipação política de Aroeiras, em 1953. A partir desse ano ela passou a ser distrito de Aroeiras, mas, no ano de 1994, ocorreu um plebiscito em que a população escolheu a emancipação política. Sendo assim, a data de fundação da cidade é 29 de abril de 1994. No ano de 1997 ocorreu a primeira eleição na cidade.

O povoamento da cidade teve início em fins do século XIX e início do século XX, quando pessoas oriundas do estado de Pernambuco migraram para Gado Bravo. O povoamento deu-se também por meio das migrações endógenas e exógenas. A cidade está localizada no agreste paraibano e faz parte da região metropolitana de Campina Grande. Limita-se com as cidades de Aroeiras, Umbuzeiro, Queimadas, Barra de Santana e Santa Cecília. Recebeu outros nomes até chegar a seu nome atual, que foram Cruzeiro e Curtume, porém, segundo o senhor Lourival Cabral, esses nomes eram utilizados da seguinte forma:

Cruzeiro era a festa do cruzeiro, a feira do cutchume eu tô falando o português da época não é, curtume porque o povo não dizia curtume e sim cutchume porque tinha um curtume de couro muito grande lá onde era a feira. (LOURIVAL BARBOSA CABRAL, 2014)

Segundo seu Lourival, a cidade é chamada, hoje, de Gado Bravo porque:

Gado Bravo porque ali tem um olho d'água, ali em frente ao matadouro, tem um olho d'água, e era solta de gado e o povo dizia tem gado bravo né, tem gado bravo né, aí por Gado Bravo ficou, mais o Gado Bravo verdadeiro fica pra lá, onde era a rua era curtume e cruzeiro, uns dizia feira do curtume e a festa do cruzeiro. (LOURIVAL BARBOSA CABRAL, 2014).

No início existiam poucas casas na cidade, o comércio que existia era pouco, não havia luz elétrica, mas sim um motor onde era ligado das cinco da tarde até às dez da noite para gerar luz. A energia chegou apenas na década de 50. A partir desse momento, a cidade foi crescendo. Sobre esse aspecto, seu José Felipe afirma que:

Gado Bravo tinha indústria começou com Zé Noberto e o vei João Henrique tinha um motor de descaroçamento de algodão, depois Zé Noberto não quis mais aí entregou para Orlando Guerra e ele começou com pouco e chegou ao ponto que ele exportava daqui pra Holanda, saía daqui direto pra Holanda, o caminhão saía daqui pro Rio e de lá ia de navio pra Holanda. Antes era com um motorzinho pequeno, levava pra Campina Grande caroço de algodão, pra fábrica

de ração de gado e de lá pra fabrica de tecido, de lá saia ninguém sabe pra onde. Então depois que ele colocou uma usina grande ali ficou diferente o movimento ficou diferente, era muito movimentado ali trabalhava com muitos operários e o caroço do algodão tirava só pra Campina Grande pra fábrica de pasta. O algodão foi até os anos 70, aí depois ele parou o movimento do algodão, mas foi muito movimentado o dinheiro corria aqui como diz a história no tempo que era o algodão ali e o movimento de agave de João de Brito era uma grande indústria de João de Brito aqui, João de Brito ele sustentava uma base de cem pessoas trabalhando definitivo. [...] Dentro da cidade do povoado tinha a compra de couro de Zé Noberto era bastante movimentado porque ele comprava uma parte do brejo de Pernambuco, Surubim, Aroeiras, Umbuzeiro, todo couro como era chamado entrava pra Zé Noberto e ia pra Campina. (JOSÉ FELIPE IRMÃO, 2014)

A feira na cidade surgiu na década de 30. Até hoje ela existe na cidade todos os domingos, onde vende diversos produtos, desde produtos alimentícios, até artigos de vestuário e calçados. As pessoas que moram na zona rural do município vêm até a cidade comprar produtos alimentícios, de vestuário, etc. As indústrias não existem mais na cidade, o comércio é pouco desenvolvido, mas possui muitos mercadinhos, algumas lojas de móveis, lojas de roupas, farmácias, bares, lanchonetes. Ao longo dos anos, a cidade vem crescendo, porque muitas casas vêm sendo construídas na zona urbana. Gado Bravo conta com escolas na zona rural, de ensino fundamental, e, na zona urbana, escolas de ensino fundamental e médio e escola de surdos. Conta, também, com igreja católica e igrejas evangélicas, Unidade Básica de Saúde na zona urbana e em algumas comunidades na zona rural.

Ainda enquanto distrito de Aroeiras foi construído o mercado público municipal, que existe até hoje, embora tenha passado por uma reforma recentemente. Outro prédio, mais antigo, é a Escola Municipal Padre Godofredo Joosten (antes chamada Grupo São José), que passou por diversas mudanças. A igreja também passou por reformas e não mantém a mesma arquitetura de antes. Algumas residências existentes na cidade preservam sua arquitetura, mas a grande maioria passou por mudanças.

A cidade possui um estádio de futebol, que é um espaço de lazer para os jovens do município, onde sempre funcionam campeonatos de futebol municipal e também intermunicipal, em que os jovens da cidade se dedicam e são muito participativos.

Há vaquejadas, que ocorrem também na cidade e nos sítios. Em relação às práticas festivas no município, ocorrem várias durante o ano, em cada sítio existem

os padroeiros locais e nesses lugares sempre ocorrem as festividades para seus padroeiros. As festividades juninas, quadrilhas também ocorrem em algumas localidades. No mês de maio ocorre celebração na igreja todas as noites, sendo cada noite dedicada às famílias. As celebrações do mês de maio ocorrem nos sítios também.

Em Gado Bravo tem destaque o desfile cívico do dia sete de setembro, onde há alguns anos vem sendo realizado em dois dias: no primeiro dia, o desfile das escolas de ensino fundamental I e, no segundo dia, o desfile das escolas de ensino fundamental II e médio. Pessoas do município e de municípios vizinhos vêm prestigiar esse evento, principalmente no segundo dia. A banda de fanfarra da cidade também se apresenta, contudo também são convidadas bandas de outros municípios para se apresentar, a exemplo de Aroeiras, Umbuzeiro e outras cidades.

A festa de emancipação política com shows e bandas não ocorre todos os anos na cidade. Todavia, as festas juninas ocorrem nas escolas da cidade com quadrilhas. Entre os aspectos patrimoniais que a cidade possui está a festa de seu padroeiro São José, que é tradição no município. Gado Bravo atualmente é conhecida como palco do turismo religioso por meio dessa festa.

3.2. Antecedentes históricos da festa do padroeiro

As festas religiosas são práticas culturais que estão entrelaçadas na memória e história local. No Brasil, elas tornaram-se importantes desde o período colonial, porque os portugueses, juntamente com a colonização, trouxeram também as práticas religiosas. Dessa forma, durante esse período, as pessoas já participavam de missas, cortejos, da preparação de festas em homenagem a santos padroeiros. Segundo Bueno (2008):

A festa é uma verdadeira “recre(i)ação” ao contrário de muitas formas de criatividade, convivialidade e comunhão comunitária. As festas são ocasiões para as pessoas se reunirem e delas saírem fortalecidas. Nelas se instala o clima da descontração, despreocupação. A festa tem a leveza e nela se conecta com o “outro”. Na festa a despesa não é utilitária e a sociedade vê nela uma fonte de energia e criação (BUENO, 2008, p.51-52)

As festas religiosas têm como uma de suas características a quebra da rotina, porque as pessoas deixam de lado o seu cotidiano para se dedicar à organização e, nos períodos em que ela passa a ocorrer, elas dedicam seu tempo para participar daquele momento, seja à parte sagrada – das orações, procissões, onde eles irão expressar sua devoção, sua fé –, seja à parte profana, onde as pessoas estabelecem relações de sociabilidade, fortalecem os laços com a comunidade em que vivem, participando das danças, das brincadeiras no parque de diversão, enfim, das diversas esferas que compõem aquele momento festivo. Em relação às festas religiosas, Leonel (2010) afirma que:

Portanto, a festa religiosa reúne em si aspectos paradoxais que lhes são estruturais; rompe com o cotidiano, mas conecta-se a ele, pois não se entra neste tempo consagrado - ou em contato propriamente com o sagrado - sem que uma série de precauções sejam tomadas. A festa é, necessariamente, desordem, no sentido de transgressão das interdições e das barreiras usuais, mas não significa, obrigatoriamente, ausência completa de ordem, pois define quase sempre protocolos a serem seguidos. (LEONEL, 2010, p.38)

A tradição da festa aos santos é uma forma de identidade do povo de Gado Bravo e também de memória. Isso se dá a partir das formas de devoção, das práticas, ocorridas no período festivo, em que as pessoas reafirmam a identidade do local, mas também mantem a tradição que existe na memória das pessoas. Portanto, através dessas festas de padroeiros, há uma afirmação da memória coletiva naquelas pessoas porque a cada período festivo elas vêm reafirmar sua práticas devocionais aos santos padroeiros e vão passando-as para as gerações seguintes. Leonel (2010) exibe que:

Apesar de as manifestações religiosas ganharem traços cada vez mais individuais, a religiosidade e as festas permanecem atuando na reativação da memória coletiva. A festa e a religiosidade guardam continuidades importantes para a compreensão da formação da sociedade brasileira. (LEONEL, 2010, p.41)

As festas religiosas servem para reafirmar a devoção das pessoas, seu comprometimento com a religiosidade a qual pertencem, um momento de seriedade, mas também de diversão, de descontração porque as cidades nos momentos festivos mudam sua rotina com a chegada de pessoas de outras cidades, de barracas, de parques. É um momento muito importante para as pessoas que fazem parte da igreja e da localidade. Leonel (2010) explana que:

É importante que, mais do que cultura popular, patrimônio ou monumento, as festas sejam compreendidas como forma lúdicas de

sociação, principalmente no caso das relações entre sociedade e manifestações festivo-religiosas. Nesse sentido, o fenômeno da festa não é apenas mera exterioridade dessas concepções religiosas, mas estrutura suas próprias concepções de sagrado. (LEONEL, 2010, p.44)

Partindo do pressuposto das festas religiosas como importante para a história local e, sabendo que esse campo historiográfico vem crescendo nas últimas décadas, e que é importante conhecer a história de uma determinada localidade, porque através dela poderemos conhecer as práticas culturais daquela sociedade desde o início, como também conhecer as pessoas que participaram da construção da história e, a partir disso, esses locais poderão ter sua história não apenas contada, como também fonte de pesquisa e conhecimento para as gerações futuras, torna-se importante conhecer a história de Gado Bravo e também de suas práticas religiosas. Embora muitas vezes não seja dada, à história local, tanta relevância como é dada à história nacional, Silva e Nogueira (2010) mostram que:

Não se pode nem supervalorizar o regional nem apresentá-lo apenas como um complemento do nacional. A história local ultrapassa os limites do município e se integra à história geral, não apenas como um dado disperso, mas como parte de um todo mais complexo. (SILVA e NOGUEIRA, 2010, p.232)

Preservar a história de uma determinada localidade é também uma forma de preservar a memória local e, para que isso ocorra, torna-se importante tanto a memória individual como a memória coletiva para a preservação dessas histórias. Nesse sentido, Le Goff (1990) afirma que:

[...] a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação de recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1990, p.476)

Conhecer a história local por meio das pessoas que fizeram ou fazem parte ainda da localidade é perceber a representação que elas têm do local em que vivem e que, a partir do estudo do que essas pessoas vão relatar, surgirão outras práticas e outras representações dessa localidade, porque essas pessoas vão se apropriar dessa história e dar a ela a interpretação que melhor representar. Nessa perspectiva, Chartier (1991) expõe que:

A apropriação, a nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e

inscritas nas práticas específicas que as produzem. (CHARTIER, 1991, p.180)

Portanto, devemos perceber a trajetória da festa do padroeiro de Gado Bravo como importante para representar as práticas culturais e a memória social e a história dessa localidade.

A festa teve origem a partir da construção de uma pequena capela na década de 20, construída por um migrante de Pernambuco, conhecido como Zé Chico, que morava com sua irmã Maria Paula e, com a ajuda dela, ele construiu uma pequena capela e em frente a ela construíram um cruzeiro. Nesse início, não era festa de São José e, sim, festa do cruzeiro. O senhor Lourival Cabral conta que o senhor Zé Chico:

Fez o cruzero em frente à capela e a proteção do cruzeiro era um bangalô muito bem feito, com três banco também muito bem feito dentro da capela, que era pras mulher quando viesse batizar a criança ter onde sentar, porque a capela era muito pequena entendeu? valia a pena você ver o cruzeiro, a quantidade de fita que tinha, de gente que vinha de muito longe pagar promessa e quando as mulher batizava os filho amarrava um cinteiro, o cintero era a fita que amarrava na cintura da criança quando batizava aí quando tirava o cinteiro amarrava no cruzeiro. (LOURIVAL BARBOSA CABRAL, 2014)

No ano de 1949 ocorreu a reforma da igreja. Na verdade, uma ampliação porque antes era muito pequena e, após isso, começaram a chamar de festa de São José. Como mostra a figura 02. Nas décadas de 40 e 50, a festa ocorria do dia 18 para o dia 19 de março. Nessa época, ela era organizada pelo senhor Orlando Guerra, que organizava a festa por conta própria, embora com a colaboração daqueles que queriam ajudar. Seu José Felipe afirma que: “A festa, a festa era dia 18 de março caísse o dia que fosse podia ser segunda, domingo, sábado o que fosse, era dia 18 de março”. (JOSÉ FELIPE IRMÃO, 2014).

Figura 02: Imagem da Igreja após reforma em 1949.



Fonte: Arquivo de Severina Barbosa de Aguiar

Nessa época, Gado Bravo não era cidade e pertencia a Umbuzeiro, o padre vinha de Umbuzeiro a cavalo para celebrar a missa de São José. Existia, na época, uma dificuldade de transporte e também de estradas, visto que boa parte do que atualmente são ruas eram corredores de avelós. As barracas da festa, os brinquedos do parque, tudo ficava localizado no círculo da igreja, à frente ou ao lado. As festas profana e religiosa ocorriam dentro de um mesmo espaço, mas em momentos diferentes. Segundo Dona Severina, nessa época, na noite de festa:

Tinha pavilhão, animação era carrossel, barraquinha de comida, de cachaça, de bebida, doce, digamos assim que era o arroz doce, que era da época, e cocada sequilho essas guloseima, um produto chamado alfininho que é um confeitinho de açúcar que desmanchava na boca, é suspiro, era os bonequinho uns, desenhinho de estrelinha eles faziam aquele suspirinho aí chamava alfininho, aqueles confeito de açúcar. E dentro do carrossel a animação era com sanfona, o dono do carrossel contratava o sanfoneiro pra animar a festa. (SEVERINA BARBOSA DE AGUIAR, 2014)

No pavilhão, vendia bebida e tira-gosto. O local era frequentado por todos que tivessem condições de comprar os produtos vendidos. Mas enquanto não havia luz elétrica na cidade, segundo Dona Severina, “a iluminação dentro da igreja era com

velas, mas chega ficava iluminada, colocava muitas velas, e fora era candeeiro, no pavilhão era um produto chamado carbureto.” (SEVERINA BARBOSA DE AGUIAR, 2014)

As festas profanas ocorriam da seguinte forma: após a calçada da igreja tinha um coreto alto de madeira, cercado de palha de folha de coco, que era onde as bandas se apresentavam para animar a festa, onde vinha a filarmônica da cidade de Aroeiras. O senhor José Felipe afirma que seu Orlando trouxe também “uns músico da radio Borborema, uma banda também, mas era banda de instrumento de sopro, não era dessas bandas de forró, não existia isso aqui não, mas essa banda foi na festa de 52”. (JOSÉ FELIPE IRMÃO, 2014). Ainda em relação às bandas que se apresentavam nas noites de festa, a senhora Severina garante que:

Um ano veio uma banda de música tocar para animar à festa aí a banda de música era de Umbuzeiro, cantava marchinha de carnaval, dobrado, naquela época tocava muito dobrado, aqueles hinos o nacional não, nem o da bandeira, mais tinha outros, cisne branco muitos dobrado, era a banda Epitácio Pessoa de Umbuzeiro. (SEVERINA BARBOSA DE AGUIAR, 2014)

A festa era muito frequentada por pessoas do município, mas também de outros lugares. As pessoas passavam a noite inteira se divertindo com os brinquedos, as músicas, nas barracas de comida e bebida, também nos leilões de animais, de galeto, onde o dinheiro era revertido para as obras da igreja. Elas ficavam esperando o dia amanhecer para a procissão e a missa. Seu José Felipe afirma que a festa ocorria da seguinte forma, no dia 18 de março:

A festa era o seguinte: quando amanhecia o dia soltava muito fogo, passava o dia soltando fogo e coisa, e de noite tinha festa, barraca, pavilhão, parque de diversão, antigamente só era um carrossinho, depois que veio esse negócio de parque não era muito, mas era canoa, carrosse, aí a noite tinha novena na igreja, a novena e passava a noite a igreja aberta, o pessoal ficava todo mundo quem queria ta dentro da igreja, aquele povo mais velho ficava ali acampado dentro daquela igreja e debaixo do cruzeiro. (JOSÉ FELIPE IRMÃO, 2014)

Em relação às pessoas que frequentavam a festa naquela época, mesmo não havendo muitos transportes, elas vinham de cavalo. Os que possuíam carro vinham em seus transportes. Para a época, a festa era muito frequentada, recebia inúmeras pessoas, apesar de ser realizada em espaço não muito amplo, como afirma o senhor José Felipe:

Na época aqui não era Gado Bravo era comarca de Aroeiras, era distrito de Aroeiras, então vinha gente de umbuzeiro, do município de Umbuzeiro, vinha de Boqueirão que na época acho que ainda era Cabaceiras, de Cabaceiras veio Boqueirão, veio a Barra de Santana, município de Queimadas, Campina Grande, chegava gente de todo canto aqui chegava, de todo município ao redor chegava, Surubim, dessa região de Oratório que é parte de Umbuzeiro, a parte de lá virando pra Pernambuco, de todo município vizinho aqui tinha frequência de gente na festa. (JOSÉ FELIPE IRMÃO, 2014)

No dia 19 de março, ao amanhecer, era realizada a missa que, nos primeiros anos, acontecia em latim. Sobre esse acontecimento, a senhora Severina afirma que:

As missas eram celebradas em latim até 62, a gente não entendia essa língua, era o padre que celebrava e tinha o assistente que era o sacristão, pra ajudar na missa a responder e os cânticos também, a maioria dos cânticos era o padre que tirava e os fiéis acompanhavam o sacristão também, era aquele menino Renato e o padre Edward, a missa era campal. (SEVERINA BARBOSA DE AGUIAR, 2014)

Durante a festa ocorriam os batizados, os casamentos, a procissão seguia o seguinte percurso, de acordo com o senhor José Felipe:

Aí bem cedo tinha a missa, a missa era campal, era celebrada na calçada da igreja pra todo mundo, quando terminava aí saía uma procissão, três andor atrás um do outro, vinha ali em seu Francisco aí vinha ali e voltava aí quando botava os santos na igreja, terminava a procissão, soltava uma giranda, passava uma hora umas salva de tiro vinte um tiro muitos tiros, era cada um tiro que só faltava afundar a terra, aí pronto encerrou toda festa de Gado Bravo toda festa de São José. (JOSÉ FELIPE IRMÃO, 2014)

Passaram diversos padres pela localidade, todos vindos da cidade de Umbuzeiro. Posteriormente, vieram os padres redentoristas de Campina Grande. Muitas vezes as professoras e algumas pessoas da localidade ensaiavam alguns cânticos para o período das missas. A festa de São José sempre teve grande destaque na cidade, mas na década de 50, durante uns dois ou três anos realizaram a festa de natal, mas depois pararam de realizar.

No ano de 1954, após alguns desentendimentos ocorridos no pavilhão, o organizador da festa, seu Orlando Guerra, decidiu não continuar com a parte profana da festa. Por esse motivo, cessaram as bandas e os parques, visto que apenas seria realizada a missa no dia 19 de março.

Segundo a senhora Severina, ocorreu o seguinte durante esse período sem a festa profana: “A missa ocorria no dia 19 [...], festa de rua não tinha não, nem

barraquinha, nem parque, nem música, até 1977, em 1977 foi que reacendeu essa festa”. (SEVERINA BARBOSA DE AGUIAR, 2014)

3.3. A festa: organização, musicalidade, celebrações

Tendo como objeto de estudo a festa de São José, no período de 1977 a 2013, nosso propósito é mostrar a trajetória e a importância dessa festa tanto para a história, memória e patrimônio local como visualizar o princípio de representação dessa festa no contexto paraibano a partir da cidade de Gado Bravo, mostrando o potencial das festas religiosas e o sentido das festas de padroeiro para a história local e regional.

A festa é uma prática cultural, logo, faz parte de um contexto social que é o contexto da cidade de Gado Bravo. Essa festa teve vários momentos, passando, inclusive, por um período sem ser realizada, de 1954 até 1977. Nesse período, eram realizadas apenas as missas.

No ano de 1977, após Fernando Pedro ser eleito prefeito de Aroeiras, cidade à qual Gado Bravo pertencia, ele conversou com pessoas da comunidade para voltar a realizar a festa como era antes, tendo a sua parte profana e religiosa. Nesse período, a Senhora Maria do Carmo juntamente com Severina Aguiar e outras pessoas da comunidade ficaram à frente da organização da festa, que voltou a sua forma anterior, em dois dias, com parque, pavilhão, no dia 18 e a missa e procissão no dia 19 de março. A festa era organizada por meio de reunião. A Senhora Severina afirma que a organização era feita:

Através da reunião dos animadores da igreja, viu essa reunião aqui era feita com o padre, mas, na época de padre Rômulo sempre era feita com o padre, o padre Rômulo tinha tempo de vir, mas o padre Edward que trabalhava em duas paróquias grandes que era Aroeiras e Umbuzeiro e só vinha aqui uma vez por mês, deixava a critério das pessoas organizarem a festa. (SEVERINA BARBOSA DE AGUIAR, 2014)

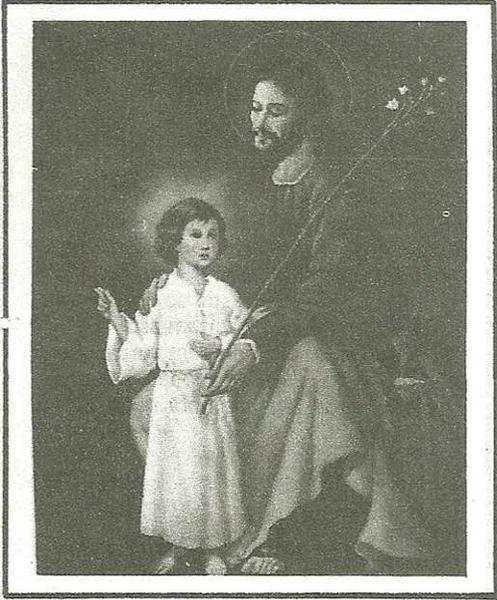
A divulgação da festa era feita por meio de convites, como explica a senhora Severina:

Através dos panfletos, sempre era aquilo, se preparava bem antes aqueles convite, que a gente diz convite, panfletinhos de comunicação bem antes, todas as festas das comunidades a divulgação era essa, agora pra divulgar melhor as pessoas iam, uma

turma de no mínimo três pessoas iam as comunidades distribuir aqueles panfletos e arrecadar dinheiro pra ajudar na festa. (SEVERINA BARBOSA DE AGUIAR, 2014)

Atualmente, a divulgação da festa continua através dos panfletos que, ao longo dos anos, estão mais coloridos. Ela também é feita por meio da internet, de cartazes. Nesses convites, vêm nomes de padrinhos, madrinhas – que têm a função de colaborar financeiramente com a festa – o nome das pessoas que organizam, dos colaboradores, a programação social e religiosa da festa. Como mostram as figuras 03, 04, 05:

Figura 03: Panfleto da festa do ano de 1991 (nove noites de celebração).

<p>SOLENIDADES RELIGIOSAS</p> <p>Todas as noites haverá novena com leitura do Evangelho as 19. hs</p> <table border="0"> <thead> <tr> <th style="text-align: left;">data</th> <th style="text-align: left;">noitario</th> </tr> </thead> <tbody> <tr><td>07.03.91</td><td>- Prefeitura Municipal</td></tr> <tr><td>08.03.91</td><td>- Funcionarios Municipais</td></tr> <tr><td>09.03.91</td><td>- Desportistas</td></tr> <tr><td>10.03.91</td><td>- Motoristas</td></tr> <tr><td>11.03.91</td><td>- Comerciantes</td></tr> <tr><td>12.03.91</td><td>- Maães e Crianças</td></tr> <tr><td>13.03.91</td><td>- Fazendeiros</td></tr> <tr><td>14.03.91</td><td>- Agricultores</td></tr> <tr><td>15.03.91</td><td>- Juventude</td></tr> <tr><td>16.03.91</td><td>- Dia Solene da Festa</td></tr> </tbody> </table> <p>as 19 hs procissão e missa campal de encerramento</p> <p>Dias. 16 as 22 hs haverá baile no mercado publico.</p> <p>todas as noites funcionarão parque de diversão Pavilhão, Pastoral, Leilão etc.</p> <hr/> <p>A CARIDADE E A VIRTUDE PREDILETA DE DEUS</p>	data	noitario	07.03.91	- Prefeitura Municipal	08.03.91	- Funcionarios Municipais	09.03.91	- Desportistas	10.03.91	- Motoristas	11.03.91	- Comerciantes	12.03.91	- Maães e Crianças	13.03.91	- Fazendeiros	14.03.91	- Agricultores	15.03.91	- Juventude	16.03.91	- Dia Solene da Festa	<p>CAPELA DE SÃO JOSÉ</p>  <p>Gado Bravo- Aroeiras - Pb. Festa do Padroeiro</p> <hr/> <p>07 a 16 de março de 1991</p>
data	noitario																						
07.03.91	- Prefeitura Municipal																						
08.03.91	- Funcionarios Municipais																						
09.03.91	- Desportistas																						
10.03.91	- Motoristas																						
11.03.91	- Comerciantes																						
12.03.91	- Maães e Crianças																						
13.03.91	- Fazendeiros																						
14.03.91	- Agricultores																						
15.03.91	- Juventude																						
16.03.91	- Dia Solene da Festa																						

Fonte: Arquivo de Severina Barbosa de Aguiar

Figura 04: Panfleto do ano de 2007



Fonte: Arquivo de Maria Eliete Oliveira

Figura 05: Panfleto com a programação da Festa de São José do ano de 2013.

Paróquia de
Nossa Senhora do Rosário
Gado Bravo PB

Festa de
SÃO JOSÉ
de 11/04 a 19/04
2013



"EIS O SERVO FIEL E PRUDENTE A QUEM O SENHOR CONFIU A SUA CASA" (Lc 12, 42)

TEMÁ: "A EXEMPLO DE SÃO JOSÉ, HOMEM JUSTO, TESTEMUNHAMOS NOSSA FÉ E CONFIANÇA EM DEUS"



Comunidade de São José

PROGRAMAÇÃO

SEGUNDA-FEIRA – 11/03/13 – ABERTURA DA FESTA COM A PRESEÇA DE TODAS AS COMUNIDADES, PASTORAIS, ASSOCIAÇÕES E MOVIMENTOS. (Procissão com a bandeira e estandarte de São José saindo da comunidade de Areias acompanhada pelas comunidades de Boa Vista, Chã de Belem, Tapuia e Pedra d'Água).
+19:30h - CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA
ANIMAÇÃO: Grupo São Francisco de Assis
LITURGIA: Grupo São Francisco de Assis
PRESIDENTE DA CELEBRAÇÃO: Pe. Rômulo Remígio Viana, Pároco de Soledade, PB

TERÇA-FEIRA – 12/03/13 – NOITE DEDICADA AO APOSTOLADO DA ORAÇÃO; DIZIMISTAS; TERÇO DOS HOMENS; PASTORAL DO BATISMO.
+19:30h - CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA
ANIMAÇÃO: Apostolado da Oração de Aroeiras
LITURGIA: Grupo St. Terezinha
PRESIDENTE DA CELEBRAÇÃO: Pe. Fabiano Cruz Ferreira, Vigário Paroquial da Paróquia de São Cristóvão, Campina Grande, PB

QUARTA-FEIRA – 13/03/13 – NOITE DEDICADA AOS COMERCIANTES; APOSENTADOS; SERVIDORES PÚBLICOS E AUTÔNOMOS E AS FAMÍLIAS.
+19:30h - CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA
ANIMAÇÃO:
LITURGIA: Grupo São José
PRESIDENTE DA CELEBRAÇÃO: Pe. Antônio Araújo de Souza, (Adm. Paroquial).

QUINTA-FEIRA – 14/03/13 – NOITE DEDICADA ÀS COMUNIDADES.
+19:30h - CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA
ANIMAÇÃO: Grupo Luz Divina
LITURGIA: Todas as comunidades rurais
PRESIDENTE DA CELEBRAÇÃO: Dom Frei Manuel Delson Pedreira da Cruz, OFM.Cap. Bispo Diocesano de Campina Grande, PB

SEXTA-FEIRA – 15/03/13 – NOITE DEDICADA AOS CASAIS
+19:30h - CASAMENTOS COMUNITÁRIOS
ANIMAÇÃO: ECC (Aroeiras)
LITURGIA: Grupo St. Rita de Cássia
PRESIDENTE DA CELEBRAÇÃO: Pe. Antônio Araújo de Souza (Adm. Paroquial)

SÁBADO – 16/03/13 – NOITE DEDICADA AOS VAQUEIROS E AGRICULTORES
+17:00h - CONCENTRAÇÃO DOS VAQUEIROS EM FRENTE À CAPELA DE ASSUNÇÃO E EM SEGUIDA PROCISSÃO ATÉ A CIDADE
+19:30h - CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA AO LADO IGREJA MATRIZ DE SÃO JOSÉ
ANIMAÇÃO: Filhos da terra
LITURGIA: Grupo São Francisco de Assis
PRESIDENTE DA CELEBRAÇÃO:

DOMINGO – 17/03/13 – NOITE DEDICADA AOS JOVENS, CATEQUESE DE CRISMA e INFANTIL
+19:30h - CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA
ANIMAÇÃO: Coral encanto
LITURGIA: Jovens das comunidades
PRESIDENTE DA CELEBRAÇÃO: Padre Ednaldo Gomes da Silva, Adm. Paroquial de Barra de Santana

SEGUNDA-FEIRA – 18/03/13 – NOITE DEDICADA AOS MOTORISTAS e MOTOCICLISTAS
+18:00h - CARREATA SAINDO DA COMUNIDADE CARACOLZINHO, PERPASSANDO AS DEMAIS COMUNIDADES E CHEGANDO A CIDADE ONDE O PERCURSO SE DARÁ NAS PRINCIPAIS VIAS DIRIGINDO-SE À IGREJA MATRIZ ONDE SERÁ DADA A BÊNÇÃO DOS VEÍCULOS.
+19:30h - CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA
ANIMAÇÃO: Comunidade do caracolzinho
LITURGIA: Motoristas e motociclistas
PRESIDENTE DA CELEBRAÇÃO: Pe. Antônio Araújo de Souza (Adm. Paroquial)

TERÇA-FEIRA – 19/03/13 – ENCERRAMENTO DAS FESTIVIDADES DE SÃO JOSÉ
+08:00h - CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PELOS ENFERMOS E IDOSOS
ANIMAÇÃO: Grupo Santa Terezinha
LITURGIA: Grupo Santa Terezinha
PRESIDENTE DA CELEBRAÇÃO: Pe. Antônio Araújo de Souza (Adm. Paroquial)
+09:30h CAFÉ COMUNITÁRIO
+15:00h - CELEBRAÇÃO DOS RATZEDOS
+16:30h - PROCISSÃO COM A IMAGEM DE SÃO JOSÉ PELAS PRINCIPAIS RUAS DA CIDADE
+18:00h - MISSA SOLENE DE ENCERRAMENTO DAS FESTIVIDADES DE SÃO JOSÉ EM 2013
PRESIDENTE DA CELEBRAÇÃO: Pe. Antônio Araújo de Souza (Adm. Paroquial)
ANIMAÇÃO: Coral encanto
LITURGIA: Grupo São José

BOAS FESTAS À TODOS!

**Obs : No dia 11/03 abertura da festa Banda Kairós
no dia 17/03 noite dos Jovens Banda Restauração**

Fonte: Arquivo de Lucineide Oliveira Barbosa

Durante alguns anos, a festa permaneceu como era até 1954: apenas em dois dias. Todavia, a partir de fins dos anos 80, ela passou a ser realizada em nove noites. O motivo é exposto pela senhora Severina:

Pra a gente ir pra igreja todas as noites, pra animar mais, porque esse pessoal em todos os lugares tinha o novenário da padroeira, em Aroeiras tinha, em Umbuzeiro, muitos lugares, então aqui a gente sentiu a falta, então conversamos com o padre pra fazer o novenário, ao invés de ser só véspera e dia. As nove deve ter sido nos anos 85 por aí mais ou menos, tenho certeza não mas foi de 85 pra cá. (SEVERINA BARBOSA DE AGUIAR, 2014)

Quando a festa passou a ser realizada em nove noites, todas as noites havia a celebração na igreja e cada noite era dedicada a algumas classes, como: agricultores, professores, comunidades. Essa escolha de a quem dedicar cada noite – a escolha dos padrinhos, madrinhas, as crianças que seriam os anjinhos, as pessoas responsáveis pela celebração – ficava a critério dos organizadores, o que foi variando ao longo dos anos, de acordo com a forma como cada organização preparava o novenário. A Senhora Severina conta que quando passou a serem nove noites, a celebração ocorria da seguinte forma:

[...] antes às vezes rezava o terço, né quando não fazia a celebração da palavra, a gente ainda não era prática aí rezava o terço, aí tinha a oração do terço e a ladainha de São José, aí depois que a gente foi mais treinada, então já se fazia a celebração da palavra, aí sempre era comigo que eu pregava a palavra [...] que a gente chamava a animação da noite. (SEVERINA BARBOSA DE AGUIAR, 2014)

Dessa forma, quando não ocorria a missa propriamente dita, ocorria a celebração da palavra, que era feita por pessoas da igreja, inclusive pela senhora Severina e outras pessoas da comunidade que ficavam encarregadas da celebração.

A ornamentação da igreja era feita com flores artificiais, contudo, posteriormente foram sendo usadas apenas flores naturais. A senhora Severina comenta que: “Em frente à igreja tinha as bandeirolas, a ornamentação maior era em frente à igreja”. (SEVERINA BARBOSA DE AGUIAR, 2014)

Em relação aos hinos, as pessoas cantavam o hino de São José que o padre trazia, e existia o grupo de cântico, formado pelas pessoas do lugar, para animar as noites de festa. Eles também cantavam os hinos: “São José poderoso”, “São José triunfante” e “São José eis todo um povo”, são alguns dos hinos cantados durante as celebrações no novenário.

A missa no dia de São José inicialmente era campal, entretanto, a procissão foi mudando seu percurso ao longo dos anos e, às vezes, ocorria antes da missa, outras depois da celebração da missa. A senhora Severina Barbosa Aguiar afirma que a mudança do percurso da procissão deu-se porque:

Antes ela saía da igreja até o fim do calçamento até a casa de João Caboclo e depois subia, e voltava pra igreja, mas depois mudaram o percurso, com a mudança de pavilhão, parques, pra rua principal, mudaram o percurso da procissão, deixou o centro para o parque e as festas [...] nos anos 90 ainda deixaram o parque e o pavilhão no lugar da igreja, mas resolveram transferir, daí a procissão ficou com o percurso de subir. (SEVERINA BARBOSA DE AGUIAR, 2014)

Inicialmente, existia a madrinha da bandeira, que era responsável por organizar a procissão e levar a bandeira de São José, que antes tinha uma haste e as crianças chamadas de “anjinhos” iam ao lado da madrinha, acompanhando a procissão. Atualmente, as madrinhas da bandeira são as crianças, sempre vestidas com roupas iguais, seguindo a frente da procissão com a bandeira do padroeiro que não possui mais a haste. Em seguida, vêm as demais pessoas conduzindo o andor de São José e as que acompanham a procissão. Como mostra a figura 06 e 07.

Figura 06: A procissão saindo da igreja.



Fonte: Arquivo de Lucineide Oliveira Barbosa

Figura 07: O andor de São José sendo levado em procissão.



Fonte: Arquivo de Lucineide Oliveira Barbosa

Nos anos 90, a festa muda de data, não sendo mais realizada no dia de seu padroeiro, dia 19. Conforme a Senhora Severina:

A festa era do sábado pra o domingo, porque era realizada no terceiro sábado do mês de março, independente da data que fosse que era pra vir gente de Campina, de outros lugar, que era para animar a festa. (SEVERINA BARBOSA DE AGUIAR, 2014)

Em 1997 padre Rômulo, pároco da cidade de Aroeiras, mas que realizava as celebrações em Gado Bravo porque a igreja pertence a Aroeiras até hoje, passa a celebrar a missa de São José dentro da igreja, fato que vem ocorrendo até os dias atuais. Esse padre passou um longo período fazendo as celebrações e, nos anos 2000, foi dedicada uma noite para os casamentos comunitários, o que até hoje se mantem. Durante esse ano, foram ocorrendo mudanças na parte religiosa da festa, como a realização de missas durante o novenário, a animação feita também pelo *Coral Encanto*, que é formado por jovens da comunidade. As missas são realizadas por padres convidados de outras paróquias, a exemplo de Barra de Santana,

Campina Grande, vindo grupos convidados para a liturgia, para a animação. Desse modo, a parte religiosa não fica restrita apenas a pessoas da comunidade.

Outra mudança que ocorreu a partir de 2000 foi em relação à programação do dia do padroeiro, que antes só havia a missa, os batizados, a procissão, a queima de fogos e, posteriormente, a festa de rua. Sobre esse assunto, a senhora Severina afirma que:

Agora nos anos 2000 aí ficou a missa do idoso de manhã, no dia de São José, a missa do idoso pela manhã, 2005 por aí e a tarde os batizados, depois dos batizados a missa e depois da missa a procissão. (SEVERINA BARBOSA DE AGUIAR, 2014)

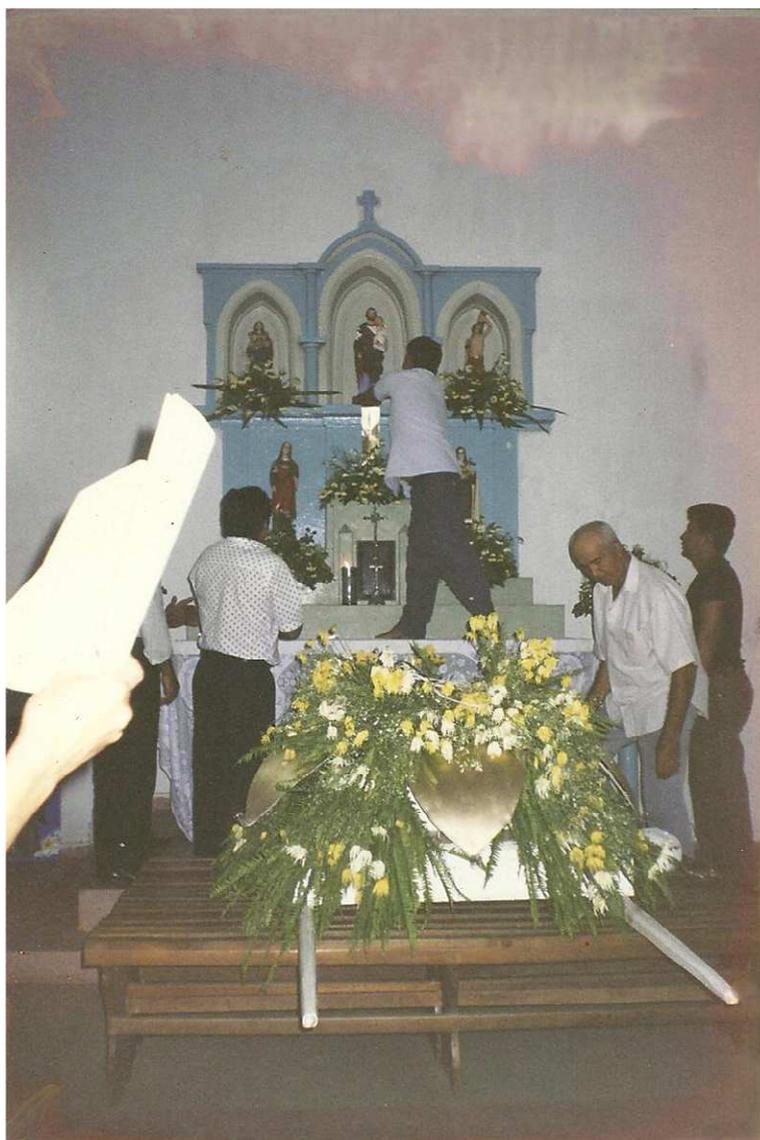
No dia 20 de março ocorre a subida da imagem de São José ao altar. Segundo a senhora Severina, durante o novenário o santo é retirado do altar e colocado embaixo, para, no dia 19, ser colocado no andor para seguir em procissão. Então, no dia 20 ocorre uma celebração, uma oração e com louvor, com cânticos, e depois uma pessoa coloca o santo em seu lugar, no altar. Como mostram as figuras 08 e 09:

Figura 08: O momento em que a imagem é entregue para que seja colocada no altar.



Fonte: Arquivo de Maria Eliete Oliveira

Figura 09: A imagem sendo colocada no altar.



Fonte: Arquivo de Maria Eliete Oliveira

Uma das dificuldades para a realização da festa no círculo da igreja era não só a falta de espaço, para agrupar os parques que ao longo dos anos foram aumentando, como também o número de barracas cada vez maior, o pavilhão, as bandas que vêm para animar a festa com estruturas maiores, mas também a falta de pavimentação próximo à igreja, que, quando chovia, dificultava o acesso das pessoas ao local. No ano de 2006 ocorreu a pavimentação de todo o círculo da igreja, juntamente com a construção da Praça São José que, no centro, tem a imagem do padroeiro.

Há alguns anos, sempre após as celebrações, vem ocorrendo outras atividades, como coco de roda, apresentação de bandas ou cantores religiosos, como padre Zé Ivanildo, Banda Restauração, Banda Kairós, essas apresentações sempre ocorrem no pátio da igreja ou na quadra poliesportiva.

A festa conta com conteúdo religioso e não religioso, em que as pessoas, quando saem das celebrações, as pessoas podem se divertir na programação não religiosa, onde, inicialmente, ocorriam os leilões de galeto que eram doados por pessoas da comunidade, mas, com o fim dos leilões, às vezes ocorrem bingos, quermesse, com venda de comidas típicas, todavia, essas atividades não vêm ocorrendo anualmente, ficando a critério dos organizadores de cada ano.

A parte não religiosa da festa, que antes se concentrava no círculo da igreja, atualmente se agrupa na rua principal da cidade (Rua José Mariano Barbosa), onde fica o pavilhão. Lá sempre ocorrem as serestas, o pavilhão fica montado durante quase todas as noites de realização da festa. Nele se mantêm as autoridades do município, as pessoas que vêm participar da festa, como também o público em geral.

O parque antes contava com canoas, cavalinhos, o mexicano, as patinhas mas recentemente conta com roda-gigante, cama-elástica, carrinho bate-bate, barca, tiro ao alvo, os brinquedos do parque variam de ano pra ano, mas esses são os que se veem com maior frequência.

Em relação às barraquinhas, veem-se muitas, algumas de pessoas da cidade, mas a maioria vem de cidades vizinhas, a exemplo de Aroeiras, Umbuzeiro. A maior parte das barraquinhas chega à cidade no dia 19, que é o ponto alto da festa, e a maioria fica na rua principal e outras nas ruas de esquina. São barracas de cachorro-quente, batata frita, bebidas, bolos, confeitos, churrasquinhos, além das banquinhas de jogos. Encontram-se, também, vendedores ambulantes de cerveja, balas, chicletes.

O dia 19 de março, que é o dia de encerramento da festa, é marcado pelas práticas religiosas, mas pela programação social, onde duas ou três bandas se apresentam na rua principal. Já se apresentaram bandas famosas, como Saia Rodada, Vicente Nery, Mulher Chorona, Luan e Forró Estilizado, dentre muitas outras. As pessoas vêm à cidade não só pela banda, mas pela tradição, independente dela se realizar em um dia de semana ou nos fins de semana. A festa é prestigiada por pessoas de várias cidades, a exemplo de Campina Grande

Queimadas, Aroeiras, Santa Cecília, Umbuzeiro, Recife, como mostram as figuras 10, 11 e 12.

Figura 10: A parte religiosa e profana da festa localizava-se em torno da igreja. Atualmente Praça São José e cemitério (à direita) e cruzeiro (à esquerda).



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 11: Imagem da rua principal (Rua José Mariano Barbosa) onde é realizada a festa social.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 12: Encerramento da festa de São José - programação social (Rua principal da cidade).



Fonte: <http://www.citybrazil.com.br/pb/gadobravo/atracoes-turisticas/atrativos-diversos>

A festa de São José envolve as pessoas da cidade e os “filhos da terra”. Muitas pessoas da cidade que estão fora retornam no período festivo, não só porque é a principal festa da cidade, mas por ser uma tradição para as pessoas. É importante perceber como ela envolve a comunidade na preparação e no período em que ocorre e como ela vem sendo passada de geração para geração. A senhora Severina comenta a importância que a festa tem para ela e para sua família:

Já vem dos antigos né meu pai, minha mãe, meus avós tudinho né tradição mesmo, muita fé em São José, aí isso já vem das raízes, dos pais dos meus avós, continuou com meus pais, continuou com muitas gerações e os jovenzinho da nossa família também tudo caminhando nesse mesmo sentido. pra gente é primordial, sempre foi, muita devoção, minha mãe muito devota, meu pai muito devoto.
(SEVERINA BARBOSA DE AGUIAR, 2014)

Dessa forma, percebe-se que essa festa passou por vários momentos, não só mudanças de datas, mas também no percurso da procissão, no local da programação social, dependendo da organização e até dos gestores da época. Todavia, a importância religiosa para a comunidade permanece em nossos dias e é representada ano a ano pela população, através da forma como eles se dedicam no período festivo, através da sua devoção ao santo padroeiro que vem sendo transmitido há décadas na cidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi importante para compreendermos a importância da festa de São José para a cidade de Gado Bravo, bem como para seus habitantes, porque desde seu surgimento ela ocupa um lugar de destaque na vida das pessoas da cidade. É interessante perceber como elas se mobilizam para a realização dessa festa, que vem sendo transmitida de geração para geração, e como ela representa as práticas culturais dessas pessoas.

Outro aspecto importante a ser destacado é como a festa muda toda a rotina da cidade e de seus habitantes em seu período de realização, porque as pessoas, durante esse período, reservam seu tempo para participar das práticas religiosas e também das práticas não religiosas. Esse momento torna-se, portanto, importante para o fortalecimento dos laços da sociedade, são momentos de união, interação com as pessoas da localidade e com as que vêm de outras localidades para participar dessa festa.

Através das entrevistas, foi possível perceber a importância que essa festa veio ocupando na vida dessas pessoas, desde sua infância até sua fase adulta ou idosa. Para as pessoas da comunidade católica, essa festa representa um momento de fé, devoção de manutenção das tradições e religiosidades das pessoas do local, porque elas participam ativamente no período festivo, seja na procissão, na celebração, nos cânticos, na organização.

Para a cidade, ela tem uma representação extraordinária porque surgiu com os primeiros moradores da cidade, pessoas que foram importantes para o crescimento local, e mesmo essa festa tendo passado por vários momentos, existe até hoje e tem a mesma significação de antes, portanto, podemos perceber que é a festa mais importante que ocorre na cidade, porque acima de tudo representa a memória histórica da localidade.

Este trabalho contribui para os estudos sobre história local visto que reconhece que a história de Gado Bravo precisa ser contada, para que com o tempo não se perca traços importantes não só da história, mas das práticas culturais dessa localidade. A festa, enquanto prática cultural, é importante para a preservação da memória local. Assim sendo, este trabalho é uma forma de manter traços da festa de São José, através da memória das pessoas que participaram, ou que organizaram,

para que esses aspectos não se percam com o tempo, para que essas pessoas que foram relevantes não sejam esquecidas, pois foram importantes personagens da história de Gado Bravo. Nessa perspectiva, este estudo só vem a somar a outros trabalhos já escritos sobre a cidade, para que essa história seja preservada, se transformando em fonte de consulta sobre a história da cidade para futuros trabalhos.

Esta pesquisa irá contribuir não só para a história local, mas também para mostrar que as festividades, a exemplo da festa do padroeiro São José, em Gado Bravo, fazem parte da memória histórica local, e fazem parte do patrimônio histórico da cidade de Gado Bravo e que, portanto, se faz importante que seja ressignificada.

Esperamos que este estudo, no campo da pesquisa histórica com memória e patrimônio, possa contribuir para os estudos do patrimônio, para as discussões sobre memória e patrimônio, articulada à história local, no sentido que as pessoas venham perceber que é possível trabalhar com o patrimônio imaterial, a exemplo da festa, e a festa enquanto patrimônio imaterial é rica em mostrar as representações do local, da memória histórica de Gado Bravo.

Em outra oportunidade, esperamos poder dar continuidade a esse tema, aprofundando as discussões a partir da memória e patrimônio de Gado Bravo a partir da festa, em outra perspectiva, no sentido de contribuir para a afirmação da história do município.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: **Fontes Históricas**. Carla Bassanezi Pinsky (Org.). 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2010.

BARROS, José D'Assunção. **História Cultural**: um panorama teórico e historiográfico. Textos de história. Dossiê: A justiça no Antigo Regime., vol.11, nº ½, 2003, p.145-171.

_____. **A história cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Diálogos. DHI/PPH/UEM, v.9, n.1, 2005, p.125-141.

_____. A nova História Cultural: considerações sobre o universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. In: **Cadernos de História**. Belo Horizonte, v.12, n.16, 1º sem. 2011, p.38-63.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUENO, Marielys Siqueira. **Artigo - Lazer, Festa e Festejar**. CULTUR- Revista de Cultura e Turismo, ano 02- n.02, jul.2008, p. 47-59.

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro & FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 15. ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**. vol. 5, nº 11, São Paulo, jan./abr. 1991, p.173-191.

CHOAY, Françoise, **A alegoria do patrimônio**. Tradução: Luciano Vieira Machado. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999.

D'Alessio, Márcia Mansor. Metamorfose do patrimônio: o papel do historiador. In: **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional**. Nº34/ 2012.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral - memória, tempo, identidades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FOTOS DE GADO BRAVO. Disponível em: <[http://citybrazil.com.br/galeria de fotos de Gado Bravo](http://citybrazil.com.br/galeria_de_fotos_de_Gado_Bravo)>. Acesso em 23 de julho de 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed,13.reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas/ SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LEONEL, Guilherme Guimarães. Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. In: **Cadernos de História**. Belo Horizonte, v.11, n. 15, 2º sem. 2010, p.35-57.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva & SILVA, Lucilene Nunes. Os desafios para a construção de uma história local - o caso de Leopoldina. Zona da Mata de Minas Gerais. *Polyphonia*, v. 21/1, jan./jun. 2010, p.229-242.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História & História Cultural**. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção História e Reflexões, 5)

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15.

_____. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 1-15.

POPULAÇÃO DE GADO BRAVO: Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmum=250625>>. Acesso em 20 de junho de 2014.

SANTOS, Márcia Pereira dos. História e Memória: desafios de uma relação teórica. In: **OP SIS**, vol.7, nº 9, Jul-Dez 2007, p.81-97.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SILVA, Ribamar Nogueira da Silva. **A História Social da Cultura e a História Cultural do Social**: aproximações e possibilidades na pesquisa Histórica em Educação. Cadernos de História da Educação. v. 9, n.2-jul/dez 2010, p.465- 476.

TOMAZ, Paulo Cesar. A preservação do Patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. In: **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**. vol.7 Ano VII, nº2. Maio/ junho/ julho/ agosto de 2010, p.1-12.

APÊNDICES

Entrevista 1:

Dados de identificação:

Nome: Lourival Barbosa Cabral Idade: 81 anos

Naturalidade: Torres de Barriguda

Profissão: Agricultor escolaridade: Ensino primário

Há quanto tempo reside em Gado Bravo?

Desde que nasceu viveu entre Torres e Salinas.

Durante quanto tempo participou da organização da festa?

La à festa como frequentador.

Qual sua função na festa?

Era frequentador.

1. Fale um pouco da História de Gado Bravo que você conhece.
2. Fale sobre a festa do padroeiro e como ela era na sua juventude e infância;
3. Como era a festa do padroeiro de Gado Bravo que você participou?
4. De que modo eram organizadas as celebrações religiosas durante a festa?
5. Após a festa que tipo de atividades e festividades ocorriam em Gado Bravo para o padroeiro da festa São José?
6. Para você qual a importância da festa de São José para a história da cidade?
7. Qual a importância da festa de São José para a sua vida e para sua família?
8. Como era a ornamentação da igreja e da cidade nesse período?
9. Que hinos e músicas eram tocados?
10. Havia alguma banda de músicos ou cantores que se apresentavam e que você lembra, quais eram?
11. Havia algum tipo de vestimenta especial para a festa?
12. Havia batizados, casamentos ou outras comemorações durante a festa?
13. Na sua opinião de que maneira as festividades do padroeiro são importantes para a memória local?

Entrevista 2:

Dados de identificação:

Nome: José Felipe Irmão idade: 78 anos

Naturalidade: Gado Bravo

Profissão: Agricultor escolaridade: Ensino Fundamental incompleto

Há quanto tempo reside em Gado Bravo?

Desde que nasceu há 78 anos

Durante quanto tempo participou da organização da festa?

Vai para a festa como frequentador.

Qual sua função na festa?

Vai para a festa como frequentador.

1. Fale um pouco da História de Gado Bravo que você conhece.
2. Fale sobre a festa do padroeiro e como ela era na sua juventude e infância;
3. Como era a festa do padroeiro de Gado Bravo que você participou?
4. De que modo eram organizadas as celebrações religiosas durante a festa?
5. Após a festa que tipo de atividades e festividades ocorriam em Gado Bravo para o padroeiro da festa São José?
6. Para você qual a importância da festa de São José para a história da cidade?
7. Qual a importância da festa de São José para a sua vida e para sua família?
8. Como era a ornamentação da igreja e da cidade nesse período?
9. Que hinos e músicas eram tocados?
10. Havia alguma banda de músicos ou cantores que se apresentavam e que você lembra, quais eram?
11. Havia algum tipo de vestimenta especial para a festa?
12. Havia batizados, casamentos ou outras comemorações durante a festa?
13. Na sua opinião de que maneira as festividades do padroeiro são importantes para a memória local?

Entrevista 3:

Nome: Severina Barbosa de Aguiar idade:72 anos

Naturalidade: Gado Bravo

Profissão: Professora escolaridade: 2 grau completo

Há quanto tempo reside em Gado Bravo?

Desde que nasceu

Durante quanto tempo participou da organização da festa?

Mais de 30 anos auxiliou na organização

Qual sua função na festa?

Auxiliava na organização e também participou diretamente da organização

1. Fale um pouco da História de Gado Bravo que você conhece.
2. Fale sobre a festa do padroeiro e como ela era na sua juventude e infância;
3. Como era a festa do padroeiro de Gado Bravo que você participou?
4. De que modo eram organizadas as celebrações religiosas durante a festa?
5. Após a festa que tipo de atividades e festividades ocorriam em Gado Bravo para o padroeiro da festa São José?
6. Para você qual a importância da festa de São José para a história da cidade?
7. Qual a importância da festa de São José para a sua vida e para sua família?
8. Como era a ornamentação da igreja e da cidade nesse período?
9. Que hinos e músicas eram tocados?
10. Havia alguma banda de músicos ou cantores que se apresentavam e que você lembra, quais eram?
11. Havia algum tipo de vestimenta especial para a festa?
12. Havia batizados, casamentos ou outras comemorações durante a festa?
13. Na sua opinião de que maneira as festividades do padroeiro são importantes para a memória local?